

am

REVISTA AVE MARIA — NÚMERO ESPECIAL (N.ºs 20-21) — ANO LXXXIII
"A MISSÃO CLARETIANA" — OUTUBRO 1982 — Cr\$ 100,00



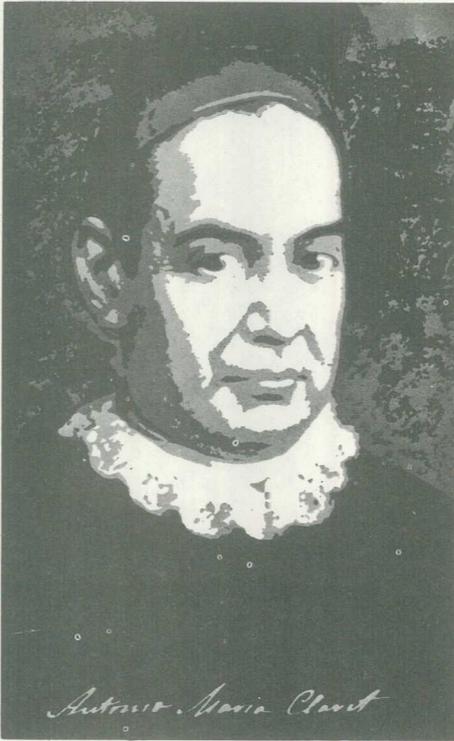
Antonio Maria Claret

- missionário e santo -

A Missão Claretiana
Justiça e Esperança

A Missão

“Quem não tem olhos para descobrir o Cristo no rosto sofrido de dois terços da humanidade, pode ser que certo dia perceba que nunca descobriu a Cristo”.
(Dom Hélder Câmara)



Antônio Maria Claret.
(bispo, missionário e santo) Fundador da Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria. (Vich, Espanha, aos 16 de julho de 1849). Antônio nasceu em Sallent, Espanha, aos 23 de dezembro de 1807 e faleceu no exílio, no mosteiro cisterciense de Fontfroid, França, aos 24 de outubro de 1870.

Todos os anos o mês de outubro é escolhido para o mês das missões. A Igreja, no mundo inteiro, reflete, à luz do Evangelho, sobre sua atuação missionária que em última instância é a sua própria essência.

A Igreja Católica como um todo, sobretudo com o Concílio Vaticano II, tem diretrizes mediante as quais conserva seus olhares atentos aos sinais dos tempos. Procura descobrir as raízes dos acontecimentos numa caminhada de serviço aos homens. O seu objetivo é a salvação dos homens, é criar nas pessoas a esperança para dias melhores, numa luta que é ao mesmo tempo denúncia da opressão e caminhada para a libertação, através da justiça.

Neste sentido apostólico a Igreja é intrinsecamente evangélica e missionária, ou seja, sua natureza é: ir e anunciar a todos os povos a boa-nova do Evangelho: a justiça e a esperança ampliando os espaços da caridade até os últimos confins da terra, demonstrando para os que estão longe a mesma solicitude que sente para com seus próprios membros (Ad Gentes, 37).

Hoje as Igrejas em formação — comunidades de pessoas de fé e de boa vontade — mais do que nunca necessitam de missionários, homens e mulheres, religiosos e leigos, pessoas que, aceitando o convite do Evangelho, dispõem-se a conviver com o povo, ouvindo-o, sentindo com ele seus problemas e suas alegrias, caminhando com ele na busca de dias melhores; denunciando com coragem o descaso e as injustiças cometidas; sendo para o povo oprimido e pobre sua voz, clamando destemidamente para que também eles tenham vez.

Os que detêm o poder dos mecanismos que alimentam as estruturas injustas certamente não vão gostar que se denunciem os nomes próprios e as instituições cujo pecado é perpetuar um sistema que impede o pleno desenvolvimento dos pobres e priva a muitos de seus direitos.

Os missionários claretianos concretamente também dão sua contribuição às Igrejas em desenvolvimento, cientes de que a Salvação trazida por Jesus Cristo é para o homem todo, integral, corpo e alma, e se torna realidade na justiça, na esperança e na liberdade.

Foi com esta intenção que este número da Revista AVE MARIA foi trabalhado. Quer ser para os leitores uma reportagem de algumas das tantas atividades que os missionários claretianos desenvolvem no mundo inteiro junto aos pobres e oprimidos. Para os claretianos o tempo de “missão”, impregnado de expectativas de justiça e esperança, não se restringe ao mês de outubro: é o ano todo, não raro a vida toda.

A você, caro leitor, dedicamos este número na esperança de que o espírito apostólico de Antônio Maria Claret — missionário e santo — desperte em sua mente e em seu coração a fé e o amor indispensáveis à nossa vida e à vida de todos os filhos de Deus.

Agradecemos a todos aqueles que nos ajudam nesta missão, seja com orações ou colaborações; angariando novos assinantes ou ajudando as vocações claretianas, adquirindo cartões de natal do Secretariado Vocacional Claretiano; a todos, nosso muito obrigado!

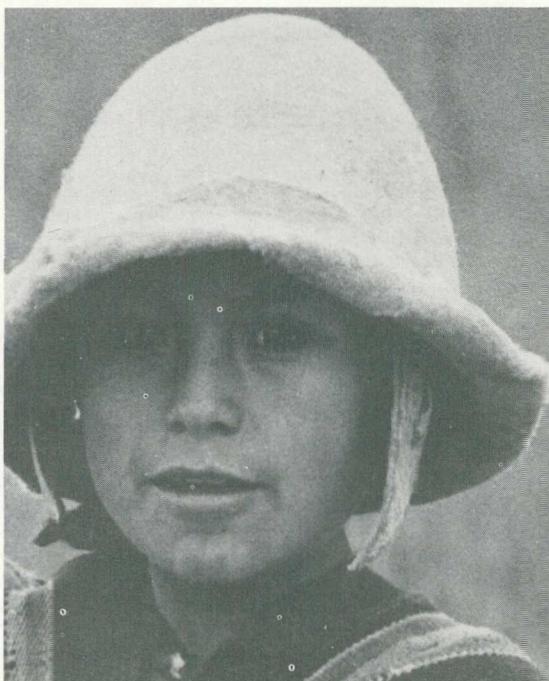
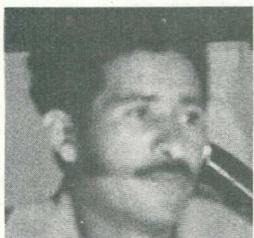
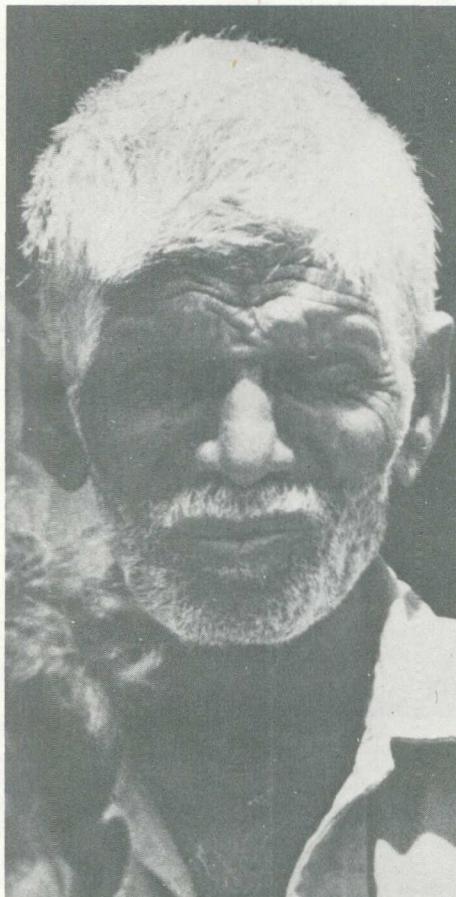
P.C.G.

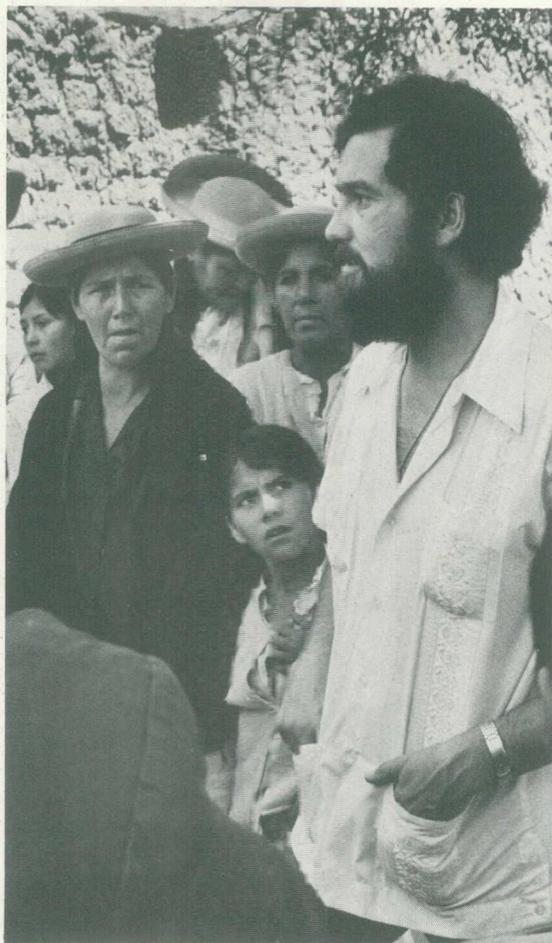
am
avemaria

AVE MARIA é uma publicação quinzenal da Editora Ave Maria Ltda. Fundada a 28 de maio de 1898. Registrada no S.N.P.I., sob nº 221.689, no S.E.P.J.R., sob nº 50 no R.T.D., sob nº 67 e na DCDP do DFP, nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil. Diretor: Athos Luis Dias da Cunha. Redação: Cláudio Gregianin, Roberto Negreli, Maria do Carmo Fontenelle e Antônio Joaquim Lagoa. Arte e Diagramação: Pedro Ribeiro. Colaboração: Elias Leite, José Fernandes Oliveira, José Wanderley Dias, João de Castro Engler, André Carbonera, Mons. Bene, José Andery e Alceu Luiz Orso. Colaboração especial: D. Vicente Scherer. Departamento de Assinaturas e Promoção: José Rodrigues de Almeida. Circulação e Propaganda: Geraldo Moreira, Joaquim de Castro, Antonio T. Sato, Afonso de Marco, F. Amantino de Cesaro e João Ferreira de Menezes. Coordenação e Publicidade: Cláudio Gregianin. Administração: Nestor Antonio Zatt e Hely Vaz Diniz. Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. (Tel.: 66-2128 e 66-2129) Cx. P. 54.215 (CEP 01.227) e 615 (CEP 01.000) - São Paulo, SP. Composição, Fitolito e Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda., Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque) - São Paulo. A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria. — Nas pequenas cidades, onde estas formas sejam difíceis, pode-se enviar a importância em selos de correio. A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinatura são feitas pelo correio. Preços: Número avulso Cr\$ 50,00 - Ass. Anual (simples) Cr\$ 1.000,00 - Ass. benfeitor Cr\$ 1.500,00.

A Missão Claretiana

Reportagem 1: Justiça e Esperança nas Igrejas em formação





A Missão Claretiana Reportagem 1: Justiça e Esperança nas Igrejas em formação

Publicado pelos Padres e Irmãos Claretianos

Itália: Secretariado para as Igrejas em formação,
Via Sacro Cuore di Maria, 5 ROMA 00197

U.S.A.: 400 North Euclid Avenue, Oak Park
Illinois 60302

Propriedade literária 1982: Publicações Claretianas

Editor: Richard J. Todd, C.M.F.

Editor francês: Miguel Correia, C.M.F.

Editor alemão: Alois Herzog, C.M.F.

Editor português: Américo Romito, C.M.F.

Editores espanhóis: Gabriel Campo Villegas, C.M.F.

José M. Camarero, C.M.F.

Tradutores: Benjamín Elcano, C.M.F.

José M. Lizano, C.M.F.

Leonardo Pardiña, C.M.F.

Ignasi Riera, C.M.F.

Jesus María Alday, C.M.F.

Miguel Correia, C.M.F.

Wolfgang Leiminger, C.M.F.

Ivett LaFontaine, C.M.F.

Assessores literários: Gabriel Campo Villegas, C.M.F.

Miguel Correia, C.M.F.

Peter Schütz, C.M.F.

Diretor artístico: Kathleen Funnem Newman

Assessor Editorial: Richard Frisbie

Assessor em desenho: Glenn Hairelein

Fotografias de: Richard Todd, C.M.F., exceto as
páginas 22 e 23 de Alicia de Torres
Aliaga; página 27 de Antônio
Chaves, C.M.F.; e pág. 38 de
Bro Karl Feinz, C.M.F.

Sumário:

Introdução: Justiça e Esperança	3
I. Justiça e Esperança na África	
Os claretianos lutam contra os terrores ancestrais e contra a fome no ZAIRE	4
A Igreja da NIGÉRIA floresce depois da guerra	8
II. Justiça e Esperança na Ásia	
Na ÍNDIA , a "Casta dos Ladrões" inicia um novo estilo de vida.	10
As "guarderías" ou creches, nova "Porta Aberta" no JAPÃO não cristão	12
Esforço dos claretianos, nas FILIPINAS , em favor da paz, numa guerra de guerrilhas	16
III. Justiça e Esperança na América Latina	
Evangelização nos Andes da ARGENTINA	20
Uma equipe pastoral mista estende o âmbito da missão de Humahuaca (ARGENTINA)	22
Os camponeses da BOLÍVIA descobrem sua própria dignidade através do Evangelho de Jesus	24
O fatalismo, inimigo dos índios do norte da BOLÍVIA	26
O trabalho missionário na "jungla", regiões pantanosas da COLÔMBIA , conquista novas vidas	30
No caso de serem expulsos os missionários da GUATEMALA , os seculares continuarão a evangelização	32
As cooperativas tornam a vida mais suportável nos pantanais do PANAMÁ	34
Os claretianos solidários com o pobre " MATO GROSSO ", a "Terra conflituosa" do BRASIL , em busca de sua libertação	36
IV. Justiça e Esperança no Mundo	
Diretório da Missão Claretiana	39

A Missão dos Claretianos e as Igrejas em formação

A "missão" dos claretianos é uma colaboração fraterna com as Igrejas em formação.

Hoje não podemos falar, simplesmente, e com ingenuidade, das "missões". As "missões" relembram condições de vida primitiva, comunidades tribais, disseminadas pelos pantanais, às margens de rios desconhecidos, infestados de animais daninhos. Essas "missões" existem de fato, porque há ainda lugares nos quais a civilização ainda não entrou.

Mas como poderíamos chamar de "missões" as comunidades de um país como o Japão, industrializado e avançado na técnica mais sofisticada? A Ásia com 1% de cristãos tem "missões", como as tem também a América do Sul, com uns 99% de cristãos. Algumas nações, imbuídas de fervor nacional, não querem aceitar essa velha denominação de "missões", porque o nome evoca colonialismos e humilhações passadas. Precisamos aceitar alegremente essa mudança de mentalidade e substituir, simplesmente, o velho conceito de "missões" pelo mais moderno e respeitoso de colaboração com as Igrejas em desenvolvimento. Porque, além disso, a mentalidade dos claretianos responde a esse novo sinal dos tempos.

Uma Igreja em desenvolvimento é uma Igreja local em processo de formação ou de amadurecimento de sua fé. É um sinal da vitalidade renovada da Igreja que cresce. E é, além disso, um sinal da vocação universal do Evangelho que sabe e deve adaptar-se à cultura, símbolos e tradições de cada país, para criar sua própria expressão na grande liturgia e oração que unem toda a família cristã com o coração de Deus, para quem somos todos iguais. Essas Igrejas em desenvolvimento procuram sua própria personalidade, sua autonomia econômica, sua jerarquia e seus próprios evangelizadores.

A missão claretiana, tal como aparece nesta primeira publicação, é um eco do esforço de colaboração da Congregação com as Igrejas em via de formação.

Como se poderá notar, acentua-se nela particularmente o trabalho com os pobres onde eles ainda se encontram.

Esta publicação visa explicar a "missão claretiana" e animar todos que queiram associar-se a ela com espírito missionário.



Introdução:

Justiça e Esperança

Encolhidos em duas pequenas enxergas de palha, no canto de uma choça semi-destruída, encontram-se Manuel Ortiz, sua mulher e suas quatro crianças. Esgotados pela viagem apressada, dormem a mulher e as crianças junto aos objetos mais indispensáveis que, em sua fuga, puderam recolher. Manuel não pode conciliar o sono. Recorda tudo que ficou atrás, os que morreram assassinados, enquanto eles conseguiram escapar. Amanhã começará sua nova vida de "refugiados". Uma vida dura, para uma família com filhos pequenos.

Manuel fora líder na povoação: tinha uma bíblia e nos domingos, quando faltava o padre, dirigia o serviço da Palavra.

Foi quando chegaram os homens que consideram a bíblia subversiva. Para certos militares, certas passagens bíblicas ameaçam a "Segurança Nacional". Sabendo disso, Manuel enterrou sua bíblia cuidadosamente protegida e fugiu antes que o pudessem alcançar, assassinar e atropelar a sua família, como tinham feito antes com tantos outros.

É verdade que, quando os pobres camponeses refletiam sobre as palavras de Deus e as suas próprias vidas, surgiam questões difíceis de responder. Ali não havia escolas, nem qualquer atendimento médico. As promessas eleitorais os tinham enganado uma vez mais. Pessoas eram forçadas a abandonar as terras que seus antepassados tinham cultivado. Por que sofremos? — perguntavam. — Não ensina a Escritura que uma forma de viver o Evangelho é ter fome da justiça?

Em muitos lugares do mundo, as Igrejas em formação estão formulando perguntas semelhantes, com grande sobressalto dos que mantêm estruturas injustas do poder. Os líderes da Igreja profética, papas e inclusive bispos, apóiam esse mundo em desenvolvimento dos pobres e oprimidos. Denunciam a estrutura de pecado de uma ordem social injusta e a privação dos direitos humanos. O Concílio Vaticano II falou da evangelização em termos de ação em prol da justiça, comprometeu-se na transformação do mundo. A missão da Igreja é definida como uma redenção do universo e uma libertação da opressão, libertação que olha a pessoa como uma unidade espiritual e material. "Se a mensagem cristã de amor e de justiça não se traduz numa ação ou numa justiça para o mundo inteiro, tornar-se-ia suspeitosa para o homem de hoje."

Muitos famosos líderes de hoje e do passado lutaram e lutarão pela libertação da injustiça. Mahatma Gandhi viu que o fim último da vida é a libertação. Seu desejo era identificar-se com os pobres. O amor se exprimia no serviço dos pobres e necessitados, dos deprimidos e oprimidos. A luta contra a injustiça levou um homem como Martin Luther King, jr., a consagrar sua vida a esse ideal comprometido. São muitas as agências das Nações Unidas que denunciam essas situações, com um fim humanitário. Pode haver apatia, mas hoje é raro o povo que não esteja sensibilizado diante dessa realidade humana.

Hoje, nas Igrejas missionárias, e no mundo em via de desenvolvimento, deparamos com pessoas, como Manuel Ortiz, que se põem à frente de sua assembléia dominical para proclamar o Evangelho e aplicá-lo à situação real da vida. A opção, hoje, é clara: é preciso falar da justiça. A mesma justiça que os israelitas pediam no Egito opressor. Suas palavras são mensagens de esperança. De uma esperança apoiada em Jesus, na sua vida, na sua morte e ressurreição libertadora. É isso o que hoje torna incrível o Evangelho. A Igreja se converte, assim, num sinal de salvação e liberdade.

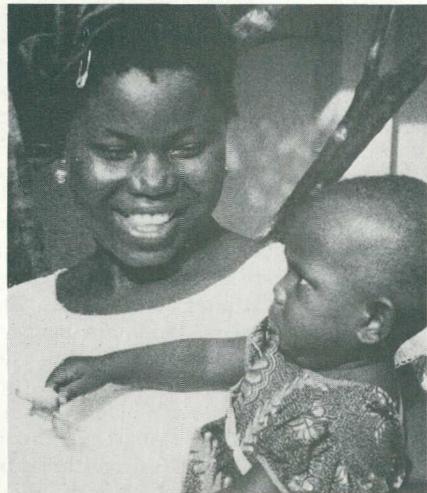
Os bispos da Ásia descobriram no diálogo com os pobres a experiência real da pobreza. "Devemos estar com eles, aprender deles, conhecer suas necessidades".

Paulo Freire nos lembra: "Ser uma pessoa do Terceiro Mundo significa renunciar às estruturas do poder constituído, que, nesses níveis, representa a violência do domínio. Significa estar com os oprimidos, com os "condenados à terra", numa atitude de amor, que não é tratar de reconciliar o irreconciliável; os que oprimem, exploram, matam, esmagam e os que são vítimas dessa mesma opressão, os esmagados, os explorados e os ameaçados de morte."

Ao fixar metas para os anos de 80, os claretianos optaram por uma evangelização inserida na mensagem profética e libertadora de Jesus. Sua solidariedade com os oprimidos e marginalizados constitui um sinal de esperança para o povo. Podemos ouvi-los dizer com o bispo Pedro Casaldáliga, C.M.F.:

"Somos um povo de povos, somos o povo de Deus.

Queremos uma terra neste mundo; já temos uma no céu".



Justiça e Esperança na África

Os claretianos lutam contra os terrores ancestrais e contra a fome no ZAIRE.

Como Cristo libertava os corpos e as almas das doenças e da miséria corporal e espiritual, os claretianos que trabalham no Zaire se propuseram liberar também seus irmãos africanos de seus terrores ancestrais, elevando sua cultura e sua produção. Alimentos e higiene destacam vigorosamente o trabalho de evangelização.

Missionários portugueses, belgas e recentemente claretianos da Alemanha abriram as portas da fé a uns nove milhões de antigos congolezes, uma terça parte da população do país. Os claretianos encarregaram-se de uma área, a umas 300 milhas ao sudoeste da capital Kinshasa. Sua missão de Kingandu está situada num dos raros vales férteis, que os ricos conquistaram do vasto deserto centro-africano.

Hagen Müllers, C.M.F., comunica:

Os missionários jesuítas belgas chegaram à região zairense de Kingandu e começaram a evangelização em 1929. Desde 1962 os missionários claretianos alemães continuaram o trabalho da Palavra de Jesus e do testemunho do amor.

Trata-se de ajudar seres humanos, em corpo e alma, e no seu contexto cultural africano. Durante séculos, os nativos viveram escravizados por tabus ou esperanças paralisadores.

A liberdade e a justiça, que se esperavam ansiosamente com a independência da república do Zaire, ficaram em grande parte fraudadas. O poder trouxe a corrupção, que se manifestou em doenças, fome e sofrimentos desconhecidos antes por este grande povo. Os claretianos que começaram em Kingandu, depois da revolução, viram com clareza que seu programa devia incluir o empenho pelo desenvolvimento social.

Mal chegaram os claretianos, abriram-se escolas em todas as zonas de bosques e matos que rodeiam Kingandu. Um grupo de Irmãs agregou-se à equipe pastoral. Seu trabalho fundamental concentrou-se nas mulheres e nas meninas, mas logo se encontraram entre pobres, doentes e órfãs. Construiu-se uma pequena clínica, à qual — quase improvisamente — acrescentou-se uma modesta sala de maternidade.

De repente surgiu o fantasma da carestia e duma misteriosa “doença da mandioca”, que assolou a metade da missão. Em 1970 se iniciou um programa agrícola para atender a qualquer emergência e se construíram as primeiras granjas em regime de cooperativa. Incentivaram-se os camponeses a planificar cultivos mais nutritivos de arroz e soja, em lugar da mandioca tradicional. Numa pequena granja, deram-se aulas para orientar a seleção de sementes, o modo de semear e

colher, tanto para granjeiros veteranos como para os jovens. Promoveu-se a cria acelerada de vários tipos de animais de granja, gado, aves, etc. De tal modo que até os relativamente pobres tiveram a oportunidade de possuir e criar gado. Atualmente os habitantes da região de Kingandu possuem umas 4.000 cabeças de gado, sem contar com um rebanho especial da cooperativa, que compartilham os trabalhadores da missão, os catequistas, o comitê cristão e os residentes de Kingandu; reses, portanto, que se vão matando, a intervalos regulares, para sua distribuição equitativa.

Por sua parte as Irmãs da missão organizaram um programa acelerado a respeito das mulheres e das meninas. Atendem-se as que vivem na povoação ou vão à escola da missão, e se estendeu o atendimento à mais vasta região das matas. Em lugares bem situados, fundaram pequenos círculos para mães, onde se dão aulas de higiene prática, de nutrição e pediatria. Ensinam-se as mulheres a combaterem com meios modernos as doenças mais comuns. E às meninas são dadas aulas de costura e bordado.

Há também na missão de Kingandú uma escola, pequena, mas muito eficiente. Nela se dão aulas de economia doméstica às amas de casa. Os membros da equipe médica da “missão” dão conferências e dirigem grupos de trabalho de saúde, dos habitantes das vizinhanças. Todos estes programas visam a libertação da mulher africana, escrava durante tantos séculos.

Pouco depois de iniciar-se este progra-







ma, a irmã encarregada percebeu que não só se devia trabalhar com as mães, mas também com os meninos, atender diretamente à sua saúde delicada e melhorá-la. Cada mês visitam-se mais de 7.000 meninos e mais de 1.000 futuras mães. O índice dramático de mortalidade infantil foi diminuído grandemente, justamente através deste programa de atendimento e nutrição.

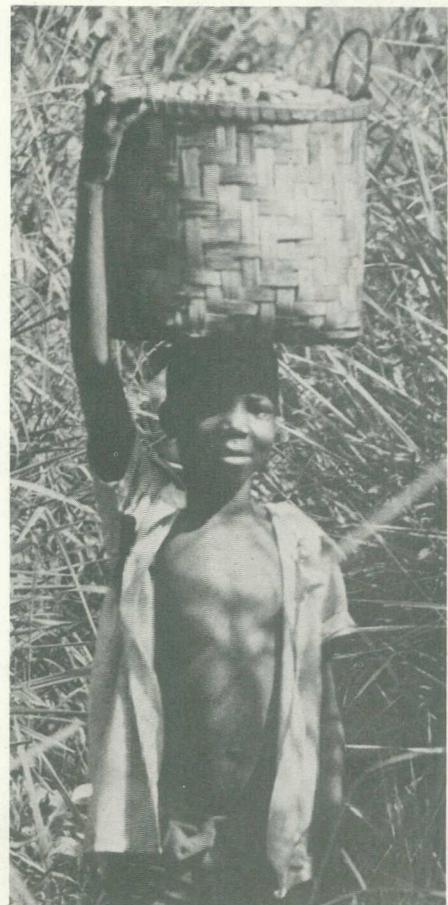
Em seis meses se salvaram uns 3.000 meninos do "kwashiorko", a doença epidêmica nutritiva. A base do tratamento é a elaboração de uma dieta rigorosa, à base de proteína de "soja", planta que se dá bem justamente na área do Kingandu. Mostra-se a "soja" à família. O pai recebe as sementes e a instrução para semear, cultivar e colher. Simultaneamente a mãe é iniciada no modo de preparar o alimento.

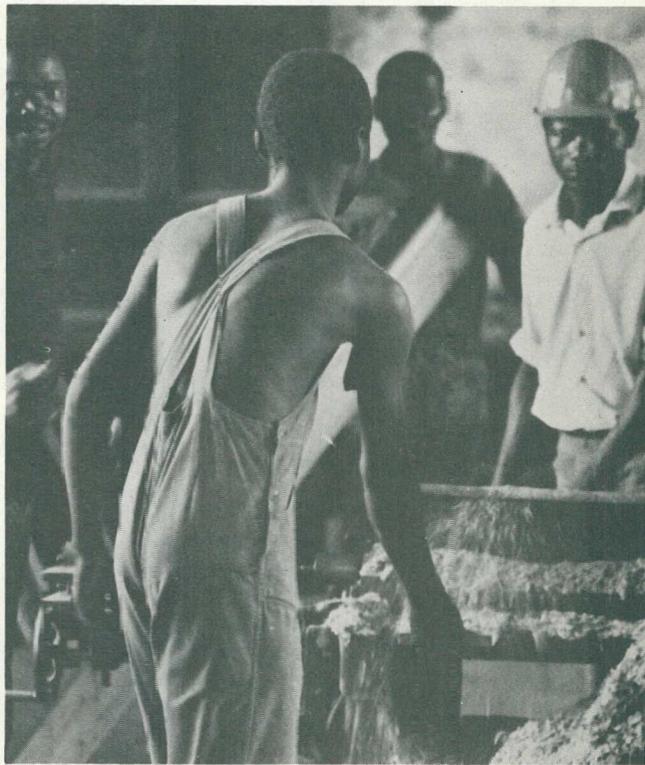
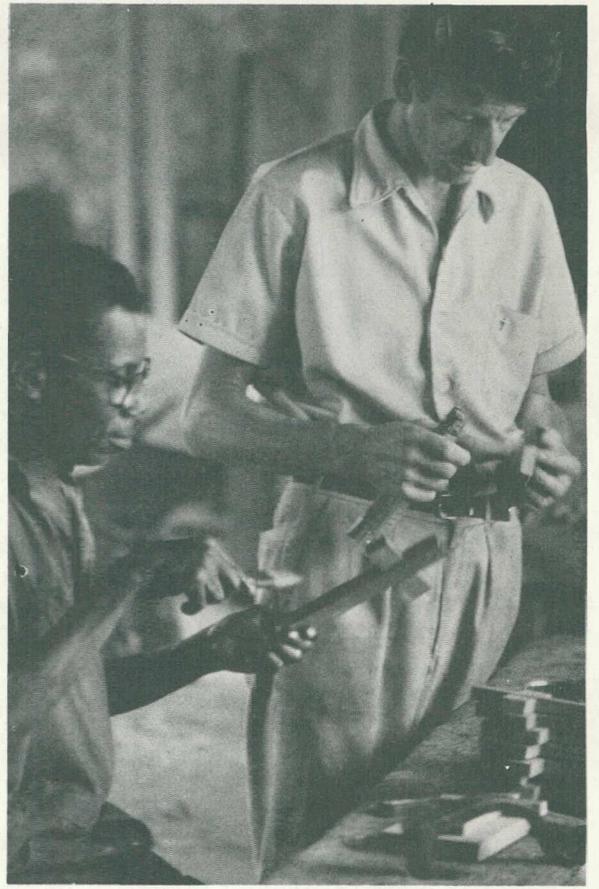
A clínica modesta, com sua seção de maternidade, converteu-se já num hospital regular, equipado para os atendimentos básicos. Possui uma nova sala de maternidade e nela se podem realizar operações cirúrgicas. Uma médica alemã começou a trabalhar ali em setembro de 1980. Sete meses mais tarde se reuniu a ela uma outra médica da sua mesma nação. Todo projeto está sendo financiado por amigos dos claretianos alemães, com sede em Würzburg.

Outra fase do programa social da missão é constituída por um projeto de moradias. O pessoal da "missão" ajuda na distribuição de lotes de terra na povoação e concorre para construção de novas casas para os nativos. Parte do projeto é constituída por uma cooperativa de poupança, criada para facilitar a edificação econômica de casas, a baixo custo e de excelente qualidade. A "missão" proporciona a ajuda técnica necessária e ensina os nativos a se proporcionarem eles mesmos os materiais necessários. Os habitantes se responsabilizam pela limpeza de seu terreno e dos lugares reservados.

Uma vez acabada a tarefa, a equipe médica da "missão" oferece-lhes assistência médica gratuita, medicamentos contra a malária, as lombrigas, e as vacinas mais frequentes.

A "missão" de Kingandu, social, humanitária, fraterna, nasce da mesma fé cristã, do Evangelho de Jesus, que não só pregou a boa-nova, mas passou fazendo o bem, curando, alimentando, salvando. Seus "sinais", seus milagres ajudavam a compreender sua mensagem. É o que estão fazendo os missionários da equipe pastoral claretiana de Kingandu, sinal luminoso da fecundidade da fé católica comprometida com os mais necessitados.





A Igreja na NIGÉRIA floresce depois da guerra.

Christian Ihedoro, que pertence à progressista e empreendedora tribo Ibo, entrou nas fileiras dos claretianos na Guiné Equatorial. Foi o primeiro nigeriano ordenado sacerdote na Congregação de Missionários Filhos do Coração de Maria. Numa visita à sua pátria, assolada depois da revolução de Biafra, a calorosa acolhida do bispo de Owerri descobriu-lhe a possibilidade de que os claretianos se estabelecessem na Nigéria. O Pe. Christian, em suas conversas com os jovens de sua terra, percebeu que ali o campo estava abonado para suscitar vocações nativas claretianas. A palavra de Jesus cumpria-se uma vez mais: "A messe é muita e poucos os operários. Rogai ao Senhor para que envie operários à sua messe".

O Pe. Ihedoro, entusiasmado, comunicou ao Governo Geral que a Nigéria estava aberta aos filhos de Claret. Cinco claretianos do oeste dos Estados Unidos responderam ao chamado com uma generosidade exemplar. A língua comum, o inglês, facilitaria aquela cabeça-de-ponte claretiana na nação mais povoada do continente africano.

O fruto não se fez esperar. Hoje, em 1982, já existem na Nigéria 74 claretianos dos quais 7 são padres, um irmão e os demais se preparam no seminário para serem apóstolos no coração da Nigéria.

John M. Raab, C.M.F., informa-nos:

Nosso primeiro esforço, desde que chegamos em 1973, foi aproveitar aquela força juvenil e comunicar-lhe o carisma de Santo Antônio Maria Claret para o futuro serviço da Igreja africana. Nosso principal objetivo consistia em preparar e formar um clero numeroso. Eles, por sua parte, conseguiriam que os seculares, homens e mulheres, fossem conscientes e responsáveis de todas as exigências da vocação no mundo de hoje.

O mês de julho de 1981 foi para nós uma data histórica. Os cinco primeiros sacerdotes claretianos formados na Nigéria receberam a ordenação sacerdotal e já começaram a trabalhar, a semear entre seus irmãos. Agora já estamos preparados para entrar em cheio na vida da Igreja nigeriana. Todos os nossos esforços na missão da Nigéria, até este momento, visavam formar jovens missionários. Já existem 60 estudantes consagrados, sob a responsabilidade de uma equipe de 6 sacerdotes e 2 irmãos.

Nossos seminaristas procedem das tribos de Ibo e Efik. Estamos construindo nossa casa em Iko Ekpene com a esperança de atrair novos Efik. A casa foi desenhada no

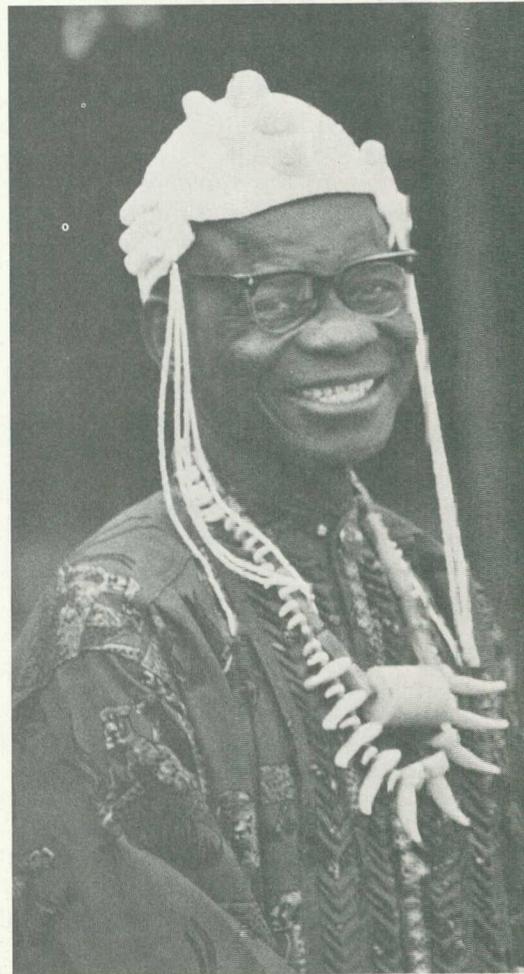
estilo tradicional africano e servirá de residência para a Comunidade de Estudantes de Filosofia.

Nossa primeira casa nos arredores de Owerri ocupa um grande lote de terreno que se planejou como uma granja experimental. Temos aves domésticas, criação de peixes, azeite de palmeira, hortaliças e uma instalação completa para a irrigação. Esperamos, igualmente, poder dispor de uma residência de estudantes no campus de Teologia de Enugu para os claretianos que agora convivem com os seminaristas diocesanos.

Um dos irmãos está ocupado com afinco no trabalho da imprensa diocesana de Owerri. O bispo quer ainda que colaborem na fundação de um colégio técnico ou escola profissional para a diocese. Dois padres são membros do professorado dos seminários de Enugu e em Ikot Ekpene.

Fazemos todo o possível para participar ativamente nas conferências dos formadores, tanto regionais como nacionais. Especialmente foram convidados especialistas claretianos para participar, por meio de conferências, em nossos programas formativos e já colaboram nos de outras congregações locais. Estamos preparando, além disso, formas de cooperação com outras nações africanas na formação de religiosos e nos planos de evangelização. "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho". Sabemos que, por trás de nós, na alma de todo claretiano, está Jesus Cristo, o primeiro missionário do Pai de todos os povos.





Justiça e Esperança na Ásia.

Na Índia a "Casta dos Ladrões" inicia um novo estilo de vida.

A presença dos claretianos na Índia, tão cheia de esperanças e de futuro, começou em 1970. Um grupo de sacerdotes nativos, formados e apoiados economicamente pela Província Claretiana da Alemanha, abriu o primeiro seminário de Karuvilangad, Kerala. Hoje, já são 22 os sacerdotes nativos e há um total de cinco seminários claretianos com 239 candidatos, dos quais 25 são noviços e 99 seminaristas maiores. Sua primeira paróquia de "missão" abriu-se em Karumathur. Recentemente quatro sacerdotes iniciaram duas novas missões no setor central da Índia.

V.S. Packianathan, C.M.F., informa-nos:

Tempos atrás, o povo de Kallar fundou fazendas ao sul da Índia, ao redor da antiga cidade de Tamil Nadu, hoje chamada Madurai. A 25 kms de distância, no pequeno povoado de Karumathur, centro espiritual dos kallares, os claretianos nativos da Índia começaram sua primeira missão em 1974. Faz séculos, dois famosos missionários italianos, Roberto de Nobili e Constantino Beschi, trabalharam nesta região.

"Kallar" significa "ladrões," em tamil. Parece que antes da chegada dos britânicos à Índia os "kallares" foram guerreiros dos reis, das poderosas tribos Chola e Pandya. Com a expansão do império britânico pela Índia, perderam seus empregos como guerreiros e começaram a lutar por sua própria sobrevivência, roubando gado e outros bens de lugares próximos e remotos. Os "kallares" eram de constituição relativamente forte e constituíram um quebra-cabeça para a polícia inglesa daqueles tempos.

Com a segunda guerra mundial, cortou-se o crescimento da Igreja local entre os "kallares". Depois da independência, a autoridade local dominada pelos hindus impôs severas restrições aos cristãos. Apesar de tudo, uns 500 habitantes desta zona permaneceram fortes na sua fé, "provados como o ouro no crisol".

Quando os claretianos começaram a trabalhar na Índia, em 1970, considerou-se prioritário o recrutamento de vocações autóctones. Depois de começar seu trabalho missionário em Kerala, o Pe. Mathew Najayarkulam consagrou-se à tarefa de abrir um



seminário menor e uma missão em Tamil Nadu.

Hoje uma equipe de três sacerdotes claretianos — o Pe. Mathew Najayarkulam, o Pe. Abraham Valiaskendam e Pe. Anselmus — está à frente da missão e orienta a formação dos seminaristas. O objetivo básico do trabalho da missão nas circunstâncias atuais visa desenvolver entre os "kallares" uma sociedade que abraça todos os aspectos humanos, modo vital de torná-los conscientes dos valores cristãos de justiça e esperança que o Evangelho de Jesus encerra. Muitas são as perspectivas que se abrem. Eis aqui alguns dos programas em marcha:

— A maior parte dos "kallares" são pobres e moram em pequenos povoados. O objetivo inicial da primeira programação teria de ser a elevação progressiva do nível de vida. Faz só quatro anos, com a ajuda de 16 voluntários entusiastas, foi inaugurado o "Centro de Serviço Social Claret". Desde então se abriram 20 poços de água potável, programou-se um vasto plano de higiene para conscientizar a população da importância da limpeza para a saúde, arranjaram-se as estradas próximas e se levantaram algumas barracas para estabelecer escolas. Este grupo de serviço social, tão abnegado, prosseguiu atualmente em seu trabalho.

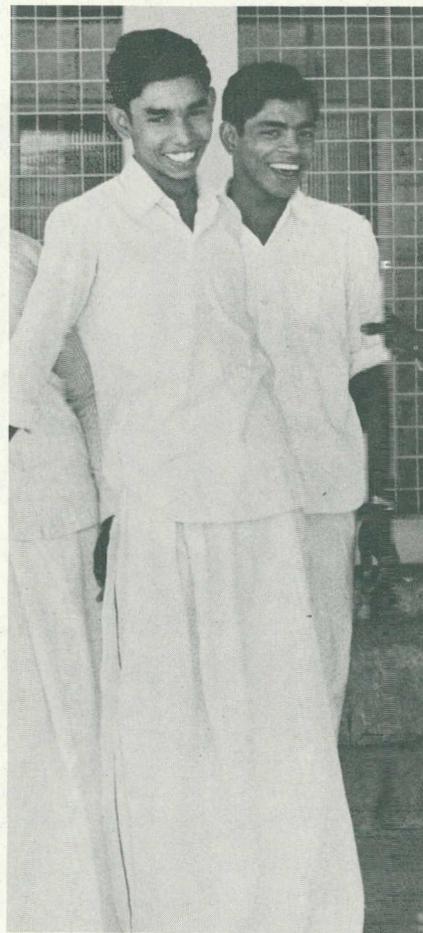
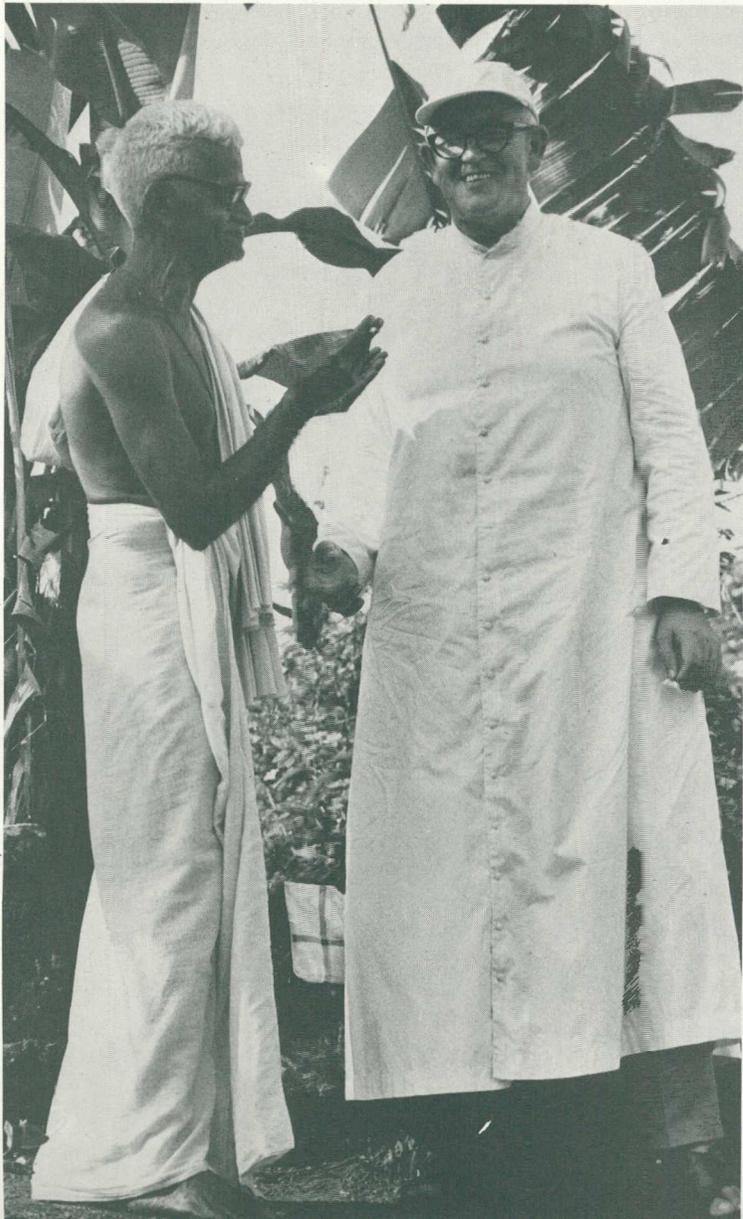
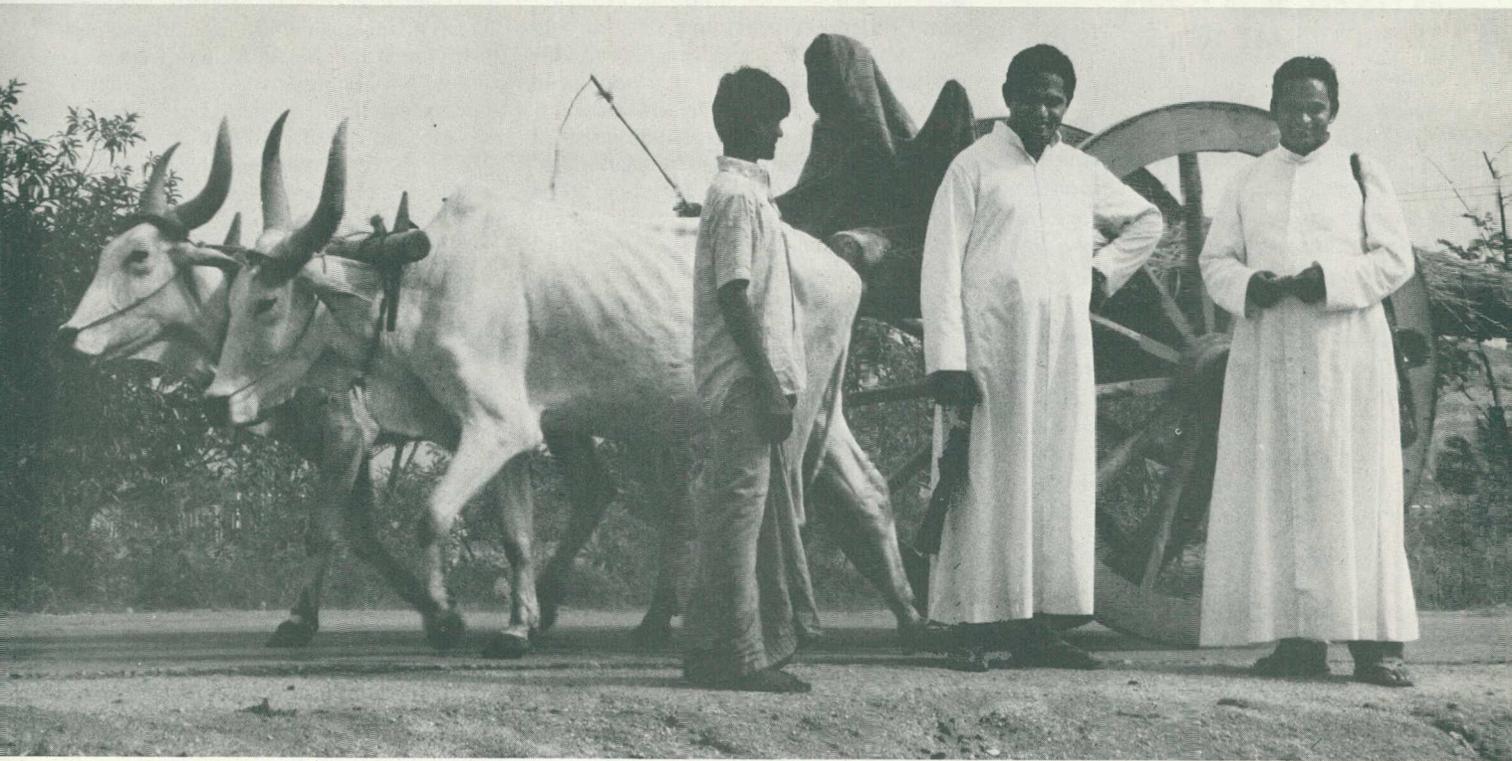
— Para que a gente se dê conta da importância da poupança, um grupo de 18 nativos organizaram em 1978 a "Sociedade Multobjetiva Bom Pastor". A povoação das aldeias teria assim a oportunidade de obter certo número de objetos elementares que a Sociedade iria adquirindo: utensílios de cozinha, móveis, cobertores, etc., e começaram a fazer economias para poder comprar. Os membros da Sociedade recolheram, das

pessoas que se interessavam, de 3 a 5 rupias cada semana. Quando se obtinha a soma suficiente, entregava-se o objeto desejado ao novo possuidor. Como incentivo, os participantes foram agraciados automaticamente pela loteria de um domingo. A quem saía o número premiado tocava receber imediatamente o objeto que vinha pleiteando, sem ter mais que pagar nenhuma nova contribuição.

Os benefícios da Sociedade se empregam para resolver as necessidades mais urgentes da comunidade. O grande número dos contribuintes demonstra que quem ganha apenas um salário, pode economizar alguma coisa para melhorar seu nível de vida (420 rupias economizadas para cobertores, 227 para utensílios de cozinha, 1.060 para vasilhas, chales e móveis, etc.). A maioria do povo comprometido nestes planos são hindus muito pobres e não cristãos.

A porcentagem dos analfabetos de Karumathur é desoladora. Para combater este problema os seminaristas claretianos dão aulas a adultos e crianças todos os domingos. Também se dão aulas de moral às crianças das escolas. Os inscritos na "Sociedade Multobjetiva do Bom Pastor" ajudam economicamente os estudantes pobres procedentes de áreas rurais, para que possam ir a escolas superiores de cidades vizinhas. Cada ano beneficiam-se destas bolsas uns 50 estudantes.

Com o auxílio de organizações filantrópicas organizaram-se recentemente dois centros de saúde. Cerca de 90% dos habitantes se beneficiam deste projeto. Quando surge uma emergência, os claretianos transportam os pacientes para o hospital de Madurai com o carro da missão.



As creches, nova "Porta Aberta" no JAPÃO não cristão.

A presença claretiana no Japão começou em 1952. A primeira comunidade instalou-se em Osaka. Hoje doze claretianos exercem seu ministério numa nação na qual os cristãos não chegam a 1%, o suficiente, entretanto, para começar a levedar o país mais próspero do Oriente. Depois de receber ajuda das Igrejas da Europa e da América durante anos, a Igreja japonesa esforça-se hoje para descobrir sua missão no mundo e em especial na Ásia. Os claretianos confiam poder colaborar neste árduo anúncio do Evangelho.

Marcelino Fonts, C.M.F., comunica:

Ao falar de missão não nos referimos às atividades e trabalhos apostólicos desenvolvidos pelos claretianos no Japão, mas à missão à qual foram chamados por Cristo e pela Igreja neste país. Esta missão apostólica e missionária consiste fundamentalmente em proclamar o Evangelho. Proclamação feita

na linguagem do povo, utilizando seus símbolos e sinais peculiares, como resposta concreta às necessidades e exigências daqueles que são evangelizados. Com base nesta perspectiva podemos resumir brevemente a forma como os claretianos desde 1952 desenvolveram sua tarefa apostólica e missionária no Japão. Basicamente, concentraram-se no trabalho paroquial e no ensino. Têm a seu cargo seis paróquias, três creches (primários, pré-primários) e uma escola média e superior. No Japão a paróquia tem seus problemas como estrutura e instituição, no sentido de se adaptar ao meio social e cultural. É um meio importante de evangelização e oferece certas possibilidades que não se dão noutros campos. Os membros da província japonesa, reunidos em Assembléia, focalizaram o trabalho paroquial na perspectiva de uma evangelização missionária como ação eclesial realizada através de agentes diferentes. E sob este ponto viram com clareza que nenhum projeto evangelizador pode ser concretizado, se marginaliza a participação ativa do laicato.

Criaram três parvulários (cursos primário e pré-primários) dependentes das paróquias de Imaichi, Hirakata e Nagóia, como um campo de apostolado que completa as atividades paroquiais, porque coloca a Igreja em contato com um número de pessoas, às quais de outra forma seria impossível che-

gar. Com a experiência claretiana a influência nas crianças e nas famílias tem sido positiva, já que muitos se batizaram, graças ao contato iniciado no "parvulário". Entretanto se reconhece que a orientação dos programas escolares não foi suficientemente evangelizadora. Esses problemas levaram os claretianos a tomar medidas a fim de que essas escolas se concentrem mais na evangelização. Reduzir-se-á o número de alunos para assegurar a possibilidade de uma maior evangelização, será prestada maior atenção à formação religiosa do pessoal empregado nelas. Devido aos muitos problemas surgidos nessas escolas a nível nacional, muitas paróquias as suprimiram.

A escola média e superior de Hirakata exigiu muitos sacrifícios dos claretianos que ali trabalharam. A maior parte dos problemas foram devidos à força do sindicato dos mestres e nem sempre tiveram como fim a educação. Pois bem, muitas das dificuldades devem-se também à falta de pessoal claretiano que possa dedicar-se a esse trabalho. Esses contratemplos converteram com frequência a missão educadora numa tarefa ingrata. De todas as atividades apostólicas, a escola média e superior de Hirakata exigiu os maiores sacrifícios dos claretianos. Entretanto, se julgarmos pelo número de conversões, o resultado foi menor do que nos demais centros.



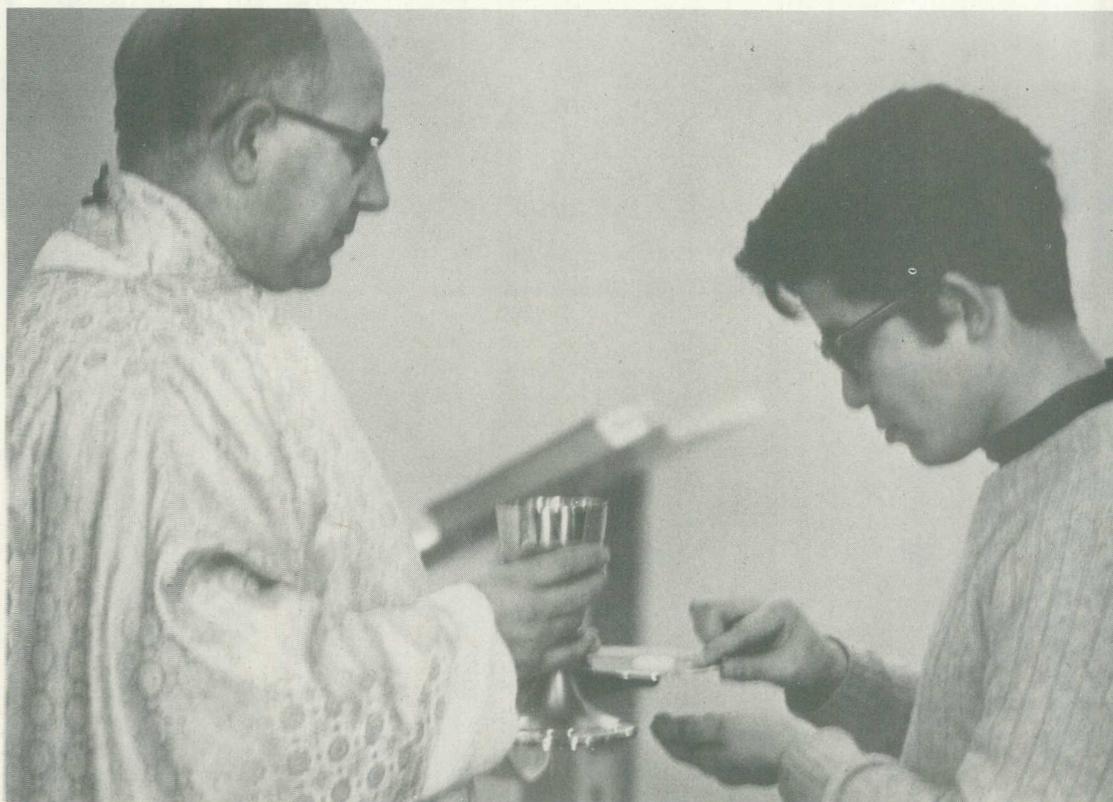


維持費
下の袋をお使い下さい。



A descrição desses campos de trabalho não esgota toda a história das atividades claretianas no Japão. Há outros ministérios que constituíram parte do campo de trabalho: conferências a religiosos, direção espiritual, ensino na universidade, participação nos movimentos religiosos, etc. Tampouco limitam-se a isto as possibilidades da missão claretiana no Japão. Há uma nova consciência que vai além das atividades apostólicas presentes. Esta nova consciência evangelizadora, surgida no último Capítulo Geral de 1979, celebrado em Roma, leva-nos a revisar o trabalho presente e planificar com decisão o futuro; aponta a necessidade de estarmos abertos para novos campos apostólicos urgentes. Estes campos se concretizam fundamentalmente no trabalho entre a juventude e os marginalizados. Fizeram-se já algumas experiências a respeito destas opções e se realizaram fora da estrutura paroquial. Por exemplo, um padre fez a experiência entre o mundo operário do Japão, trabalhando vários meses numa fábrica local; outros cooperaram em equipes que trabalham em ambientes marginais nas cidades, como os trapeiros de Emaús, domicílios para anciãos, etc. Um dos objetivos da equipe do Governo claretiano atual é que nos próximos três anos se possa começar a trabalhar mais direta e comprometidamente com os marginais.

O trabalho pastoral e vocacional entre a juventude é preferencial. Faz quatro anos se criou em Tóquio uma comunidade dedicada à formação de seminaristas e ao trabalho entre a juventude. Trata-se de uma experiência nova, porque é uma comunidade composta de claretianos e não claretianos, sacerdotes e jovens desejosos de criar uma comunidade cristã baseada no Evangelho.





Esforço dos claretianos nas FILIPINAS, em favor da paz numa guerra de guerrilhas.

Ao sudoeste de Mindanao, uma das ilhas Filipinas, acha-se situada a província de Zamboanga, cuja forma se assemelha à tromba de um elefante. Atinge o mar de Sulu pela pequena ilha de Basilán, em forma de amendoim. Dista 870 kms de Manila. Seus habitantes são

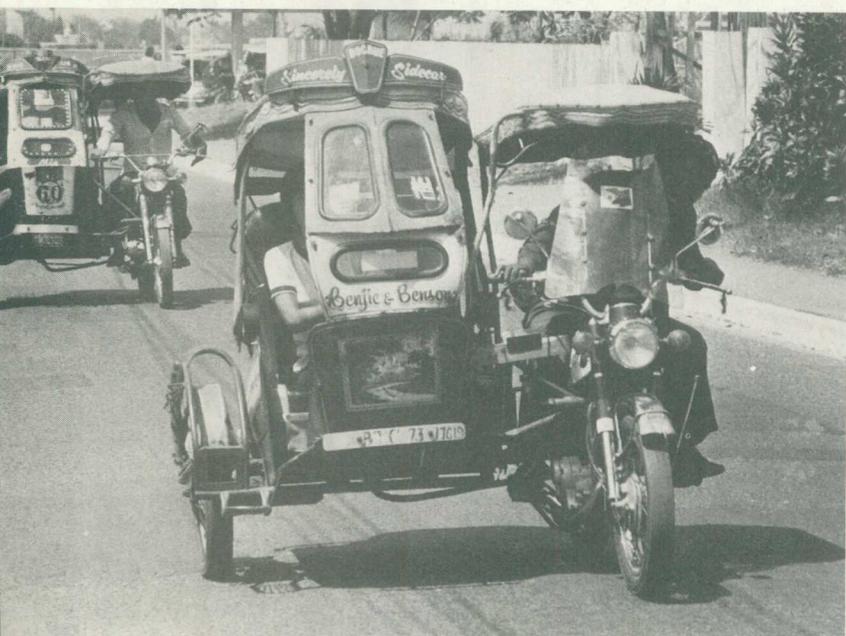
180.000, dos quais 70% são muçulmanos, das tribos samal, bajdão e tausug. Os cristãos se estabeleceram na ilha em progressivas imigrações desde zonas distintas do país. Os católicos, que são maioria, têm por pastor o dinâmico bispo claretiano, dom José Maria Querejeta.

Seu programa pastoral reúne sacerdotes diocesanos, indígenas, claretianos, religiosas de distintas congregações e lei-

gos (cristãos e muçulmanos). Deste programa constitui parte a seguinte experiência em comunidades muçulmanas:

José M. Ruiz Márquez, C.M.F., relata-nos:

Basilán é considerada uma das ilhas mais ricas e belas entre as mais de 7.000 com que contam as Filipinas. Seu solo é apto para tudo: café, cacau, borracha, coco, arroz. Suas paisagens são um sonho, verdes colinas, bosques impenetráveis, mar limpo e



azul e o mosaico de diminutas ilhas de jade bordejando as costas.

Faz 8 anos, entretanto, que esta ilha está catalogada como um dos focos principais de insurreição armada nas Filipinas. O MNLF (Movimento Nacional de Frente de Libertação) levantou-se em armas contra o Governo central, exigindo a independência de grandes territórios da zona sul da nação, onde habitam os milhões de muçulmanos. Considerada zona militar, a ilha inteira é "off limits" para estrangeiros, turistas e jornalistas. As conseqüências da guerra foram terríveis para a nação. As estatísticas oficiais dão uns cem mil mortos e um milhão de emi-

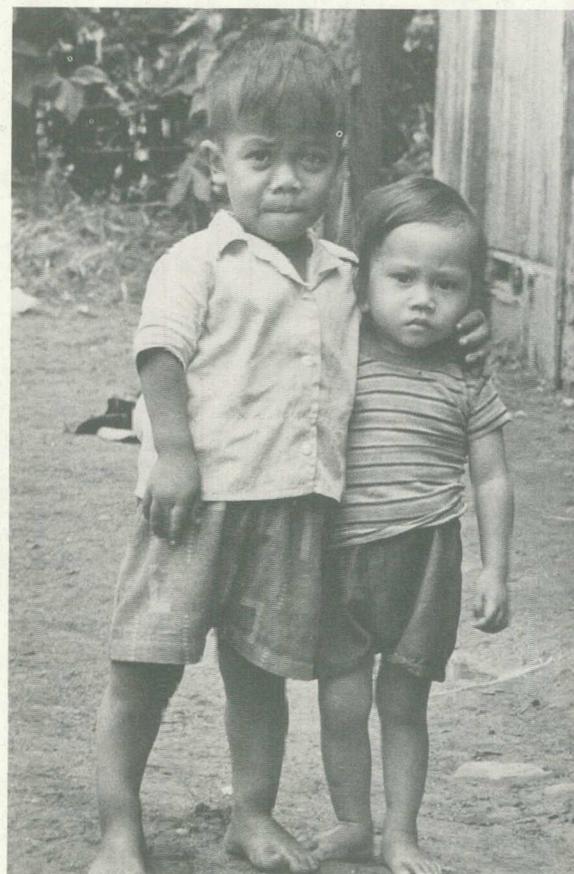
grantes e refugiados. Enquanto isso, a típica guerra de guerrilhas continua implacável com seus encontros armados, emboscadas, atos de terrorismo, refugiados. O pior de tudo é que esta situação anormal está se tornando normal, em nível de opinião pública e de psicose popular.

Isto quer dizer muitas coisas para a Igreja de Basilán: por ex., o "Moslim and Christian Brotherhood" (Fraternidade Mouro-Cristã), que é uma associação iniciada pelo bispo D. Querejeta e reúne líderes religiosos muçulmanos e cristãos em prol da Justiça. Não somente discutem os abusos cometidos

na ilha, pelo exército ou pelos rebeldes, mas ainda atuam, protegem, denunciam e conseguem, por exemplo, que um coronel compareça perante um tribunal civil a dar conta das atrocidades cometidas por suas tropas. Foi o primeiro caso, nos 8 anos de Lei Marcial, em que um alto oficial do exército foi julgado por um tribunal civil.

O desejo de justiça e paz moveu os claretianos a infundir esperança nos nativos, para criar cooperativa de pescadores, a pequena indústria de viveiros de peixes, a organização de tecedores de esteiras, de pescadores de coral e pérolas, obras promovidas pelo





Pe. Eduardo Monje; o hospital construído pelo Irmão Torres, onde presta seus serviços médicos. Os programas culturais de Rádio da Prefeitura; a rede de escolas de religiosos por toda a ilha, com seus alunos em imensa maioria muçulmanos. Justiça e paz são também as cartas de dom Querejeta dirigidas a Manila, nas quais protesta pela desmatação de bosques, em mãos de companhias sem escrúpulo.

Um dos problemas humanos diários é o dos refugiados, os sem terra, nem casa, os que perderam tudo por causa da guerra. Entre e com eles trabalha o Pe. Ângelo Calvo. É um claretiano espanhol de 36 anos, barbudo, inquieto, que deixou faz dois anos sua sala muito bem "apresentada" de diretor da Rádio PXBI e do "Claret College" de Isabela, pela vida do descampado com seus azares num território infestado de guerrilheiros e patrulhas do exército. Seu objetivo foi, e continua sendo, dar casa e terra, dignidade e esperança aos que não têm nada, trabalhando com eles, inserido em seus proble-

mas. Atualmente são já centenas de famílias que vão construindo seus povoados, transformando terras incultas para o cultivo do milho, da mandioca, de outros vegetais; organizando-se, aprendendo a superar prejuízos de raça e de religião; esquecendo sofrimentos passados e procurando que vivam juntos cristãos e muçulmanos.

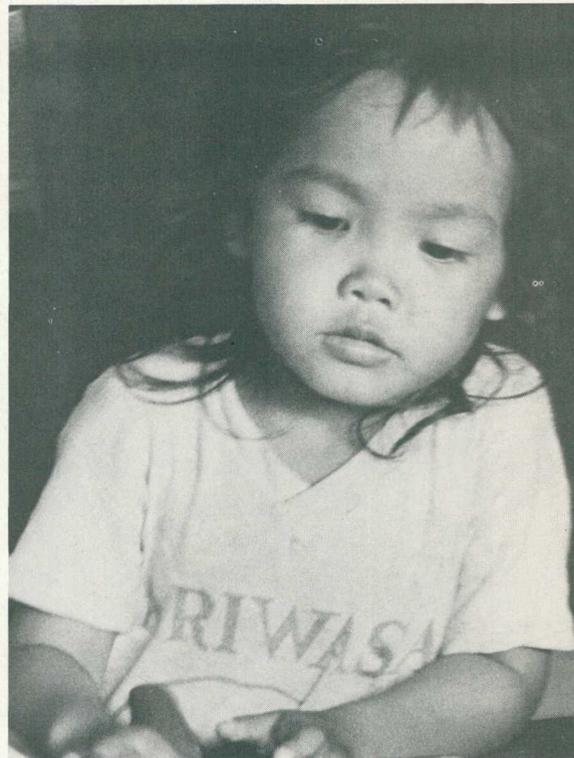
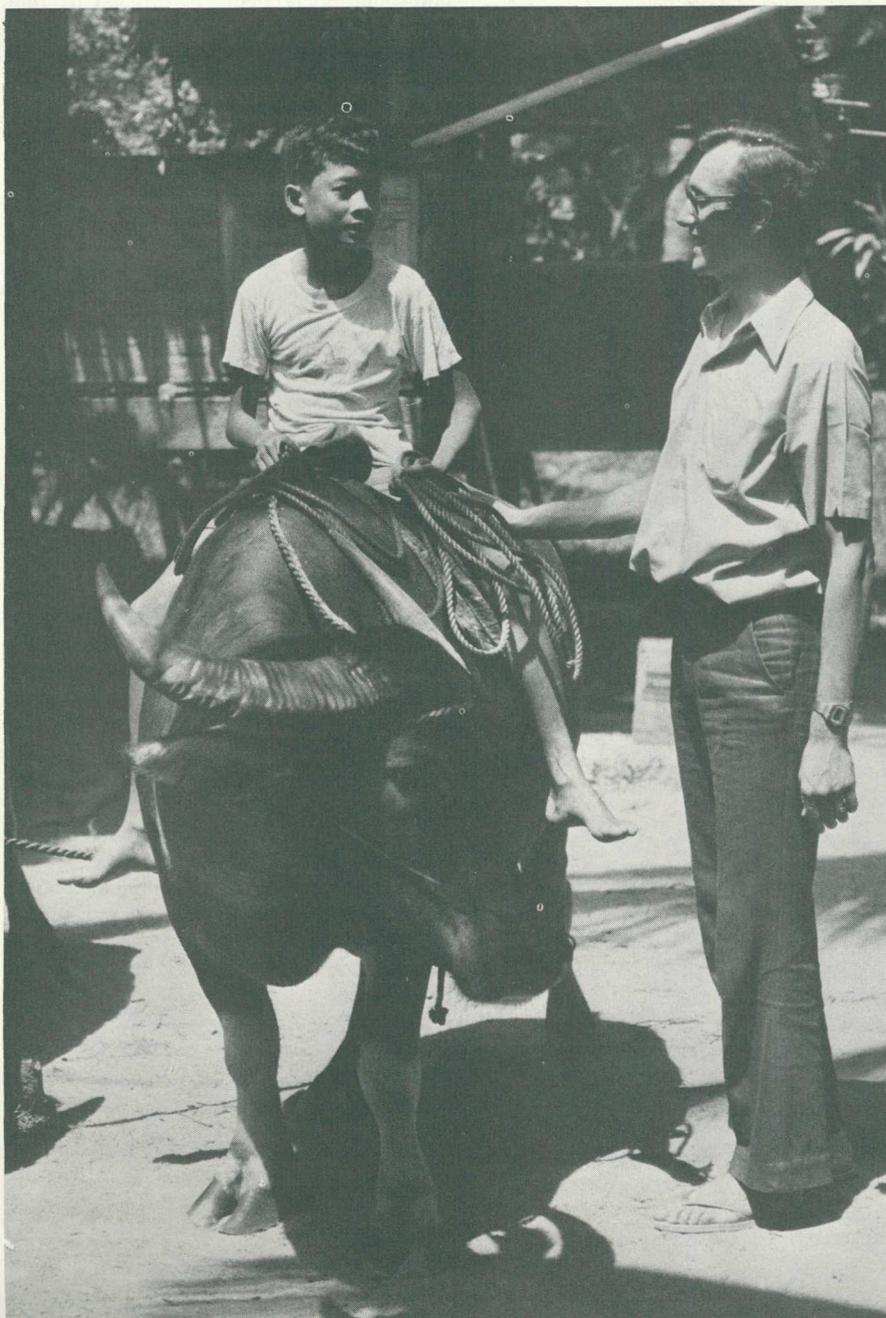
O Pe. Ângelo vive em comunidade, uma comunidade singular. É mista, multirracional, multicrente. Eis aqui os membros: Payng, 22 anos, muçulmana tausig, encarregada da educação de adultos e de programas de alfabetização; é filha de Ustadz, chefe muçulmano da ilha; Adela, 22 anos, cristã, enfermeira chefe dos programas sanitários do projeto; Jun, 24 anos, muçulmano yakan, organizador de comunidades; Miriam, 22 anos, cristã, assistente social; Madz, 24 anos, muçulmano yakan, agriculturista; Marcelino, 27 anos, cristão, assistente social; Efrém, 21 anos, cristão, assistente social.

Depois da missa para os cristãos e do

"Wudu" e "Salat al fagir", reza da manhã dos muçulmanos, a comunidade se dispersa para o exame sanitário dos habitantes para promover a educação, supervisionar uma granja experimental, levar a domicílio material de construção ou negociar a terra com o governo e a segurança com os rebeldes.

O trabalho é contínuo e os problemas são enfrentados por todos: títulos e escrituração de terras, construção de casas, centros de alfabetização de adultos, capelas e mesquitas que levantar, poços, campos de experimentação agrícola e, por cima de tudo, muitas horas de diálogo com o povo em quatro línguas distintas, de escuta paciente de problemas e sofrimentos, de alegria comum na celebração de festas, quer seja o Ramadã, quer seja o Natal.

E pouco a pouco, o milagre de que a convivência é possível, de que a paz não discrimina religião nem raça; a alegria da terra recuperada; do trabalho que dignifica; numa palavra, o milagre do Reino de Deus começa a aparecer por aqueles territórios.



Justiça e Esperança na América Latina

Evangelização nos Andes da ARGENTINA.

Situada aos limites do Círculo Polar Antártico, a Argentina se alarga à medida que se vai estendendo para o norte, até alcançar a fronteira da Bolívia. Desde a gelada Antártida o meio ambiente muda através de planícies e montanhas, até chegar à zona subtropical noroeste, às alturas estereis do que se conhece como altiplano ou Puna, no noroeste. A zona noroeste dos Andes que limita com a Bolívia e com o Chile, com seus 3.350 a 4.000 metros de altitude, tem uma rica história sobre a colonização espanhola que começou na segunda metade do século XVI. Aqui se estabeleceram povoações para o preparo das operações de exploração de minas de

prata, nas terras altas da Bolívia. Os espanhóis misturaram-se rapidamente com os pacíficos granjeiros indígenas.

José M. Rodríguez, C.M.F., nos comunica:

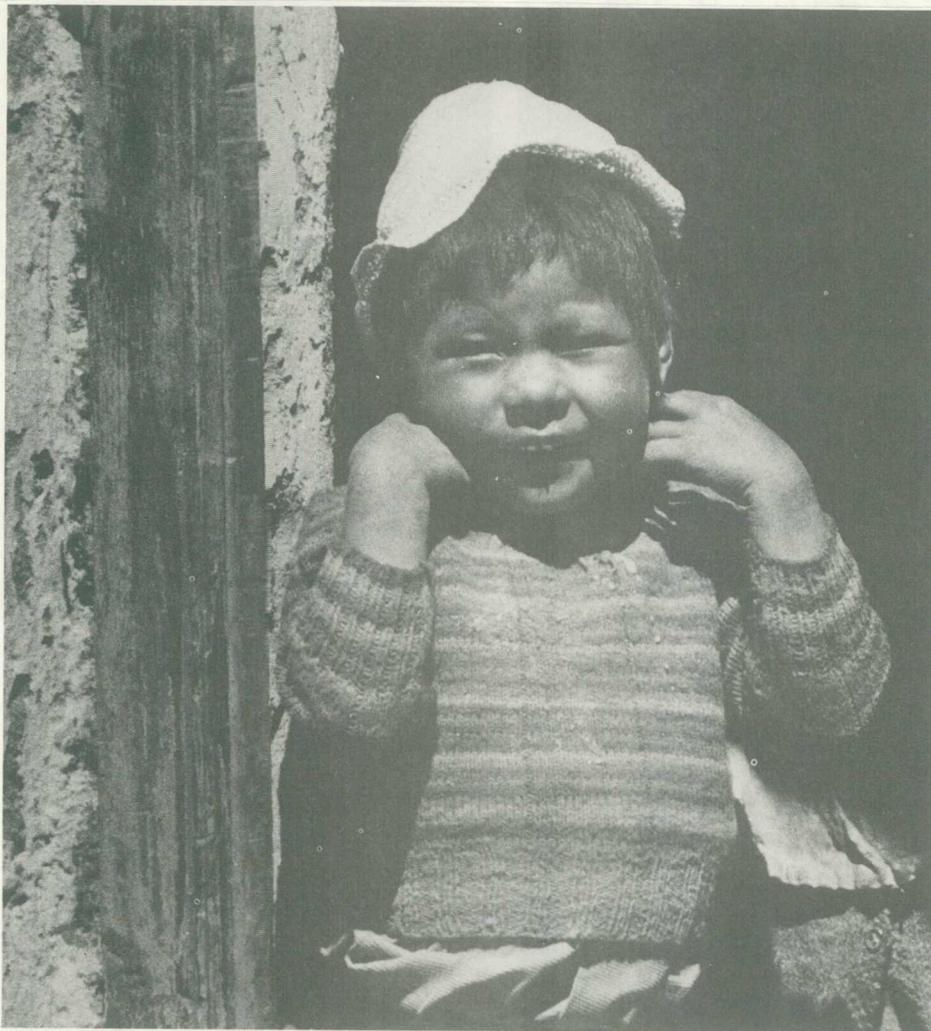
Quando se fala da Argentina, não se costuma pensar no altiplano ou na região Puna que, na história espanhola, teve fortes laços comerciais com a Bolívia e o Peru. A herança predominante da Puna é boliviana. Após conhecida, a região foi visitada por muito poucos turistas. Nem sequer os argentinos de Buenos Aires, Mendoza ou outras grandes cidades a conhecem. Os claretianos estão trabalhando nesta região desde 1968, ajudando uns 80.000 habitantes de língua espanhola, a maioria indígenas, índios Coya. Referimo-nos à Missão de Hamahuaca. Quatorze claretianos, sob a direção do bispo dom José Maria Márquez, cmf., dedicam-se a ajudar o povo nesta Puna árida.

Com seu bispo, 14 claretianos dirigem agora uma comunidade de base que prepara a catequese rural, leva o serviço da palavra às povoações mais remotas e dispersas nas 12.800 milhas quadradas da missão de Humahuaca.

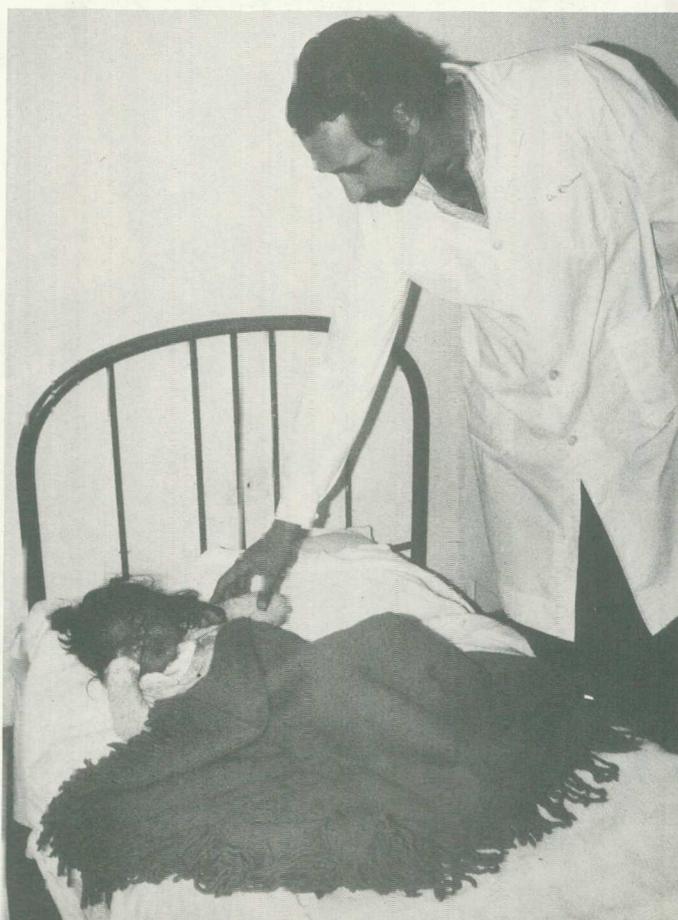
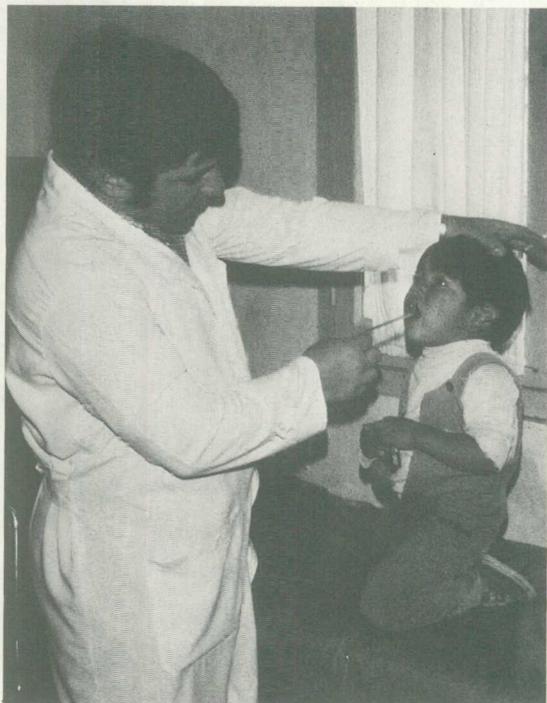
Desde 1973 se têm celebrado na localidade de Yavi mais de 15 cursos para catequistas rurais, animadores. Uma equipe de claretianos é responsável por sua programação. Aos leigos que assistem às sessões é dado um curso doutrinal, ensina-se a usar a bíblia e novas técnicas pastorais, são preparados para iniciar os programas de desenvolvimento comunitário, etc., e especialmente para a celebração dominical da Palavra e a catequese pré-sacramental. Os animadores são nomeados oficialmente pelo bispo na presença de sua própria comunidade. Por meio do rádio e de uma publicação mensal "Animadores" que proporciona notícias da Prefeitura, estabelece contatos com os leigos que estão trabalhando apostolicamente em seu povoado. A ajuda para este programa vem dos católicos alemães por meio da "Adveniat".

É extraordinária a generosidade de alguns animadores. Um animador vendeu sua motocicleta para ajudar a pagar uma dívida que tinha sua povoação. O animador de Cara Cara, com só 18 anos, enfrentou-se com os mestres de seu distrito, porque não lhe permitiam ensinar catecismo às crianças da escola, o que está, de algum modo, permitido pela lei. Foi diretamente ao Inspetor do Conselho de Educação para solucionar seu caso. Agora ensina religião na escola, duas horas semanais. Os moradores de Barro Negro terminaram finalmente a construção de sua capela, graças ao estímulo contínuo de seu animador, Domingos. Tiveram que transportar, às costas, o cimento, a madeira e a chapa para o telhado, desde onde termina a estrada até o povoado, uma longa caminhada a pé. Atualmente Domingos estimula-os para a construção de uma estrada, que supere essa distância, para que possam chegar ao povoado veículos motorizados.

O bispo tem alguns jovens que começaram seus estudos sacerdotais. Mas ele vê o programa ministerial dos animadores como uma esperança para o futuro. Parece que será difícil contar com um número suficiente de padres ordenados para Humahuaca. A povoação disseminada pede claramente um modelo de Igreja participativa, na qual os leigos se preparem para aceitar outras responsabilidades no trabalho de evangelização.







Uma equipe pastoral estende o âmbito da missão de HUMAHUACA.

Desde a primeira assembléia pastoral dos missionários, celebrada na prelaia de Humahuaca, tem sido constante o esforço para recrutar e preparar o laicato para que trabalhe em cheio como parte da equipe pastoral. O que segue é um relato da experiência, escrito por uma das pessoas da equipe.

Alicia de Torres Aliaga faz-nos esta exposição:

Faz dois anos que um padre claretiano, um jovem que é agente sanitário, meu esposo e eu, com nossos cinco filhos, compartilhamos a vida, o trabalho e a oração. Meu marido é médico e eu socióloga. O que une a equipe é nossa vocação para servir os preferidos do Senhor. Essencialmente fiéis ao que somos como religiosos e leigos, nos reunimos na oração e tentamos formar uma comunidade, enriquecida com as diferenças de cada um. Pela força da Eucaristia que celebramos juntos e a reflexão comum da Palavra de Deus, chegamos todos a ser mais conscientes de nossas limitações. Constatamos que, embora sejamos diferentes uns dos outros, é possível formar comunidade.

Iruya é a cidade principal de um dos departamentos da Prelatura de Humahuaca. Tem 300 habitantes e é o centro de cerca de 20 comunidades com uma povoação aproximada de 5.000 pessoas. A equipe vive aqui para prestar serviços a todos estes pequenos povoados, comunicados somente por trilhos de mulas através das altas montanhas e profundos vales da região.

Depois de andar a cavalo de 2 a 17 horas — depende da distância — chega-se às distintas povoações. São pequenas, com uma escola de tijolos, centro médico, capela pequena e uma ou duas casas. O resto das famílias estão disseminadas no árido terreno montanhoso, que tem pouca terra cultivável e dá pouco ou nada de pasto para as poucas ovelhas ou cabras que têm os habitantes.

O objetivo de nosso trabalho é evangelizar o povo, preparar catequistas ou animadores e ajudá-los a formar uma comunidade de base eclesial. Com tudo isso, esperamos conscientizá-los de que não podem ser eles os autores de sua própria libertação integral.

Como equipe vivemos entre o povo, dando testemunho da vida comunitária e lhe servimos de exemplo com nossa própria vocação de sacerdote, médico, socióloga e agente sanitário. Atende-se particularmente aos agentes de evangelização de cada povoado: os animadores da comunidade, os agentes sanitários e os mestres. De acordo com o estabelecido nas prioridades da prelatura, dedica-se especial atenção aos animadores da comunidade. São autorizados a reunir o

povo e criar em torno da Palavra de Deus a consciência de que a comunidade mesma se torna responsável de seu próprio crescimento.

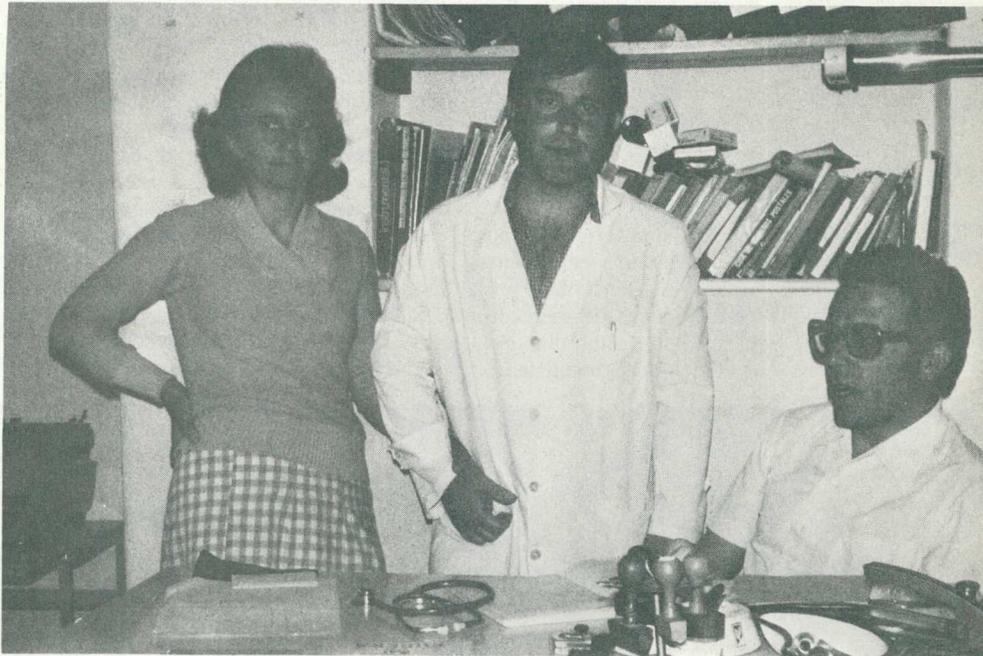
Nosso trabalho e presença aqui são uma resposta oportuna e eficaz para um dos lugares da prelatura que necessita mais atenção. Demonstra claramente que a evangelização deve incluir a promoção humana e o desenvolvimento total da pessoa. Para conseguir isso, aproveitando a riqueza que oferece a diversidade de nossos carismas pessoais como religiosos e leigos, temo-nos comprometido a desenvolver o programa de saúde do Ministério do Bem-Estar Social. Isto quer dizer que formamos, apoiamos e ajudamos a tarefa do agente de saúde de cada comunidade. A esta pessoa, escolhida entre a gente do lugar, dão-se cursos de medicina preventiva. A instrução inclui: educação para a saúde, diagnóstico de doenças comuns, vacinação, controle de desnutrição, programas de alimentação, cuidados pré-natais, saneamento ambiental, etc. As necessidades dos doentes físicos ou feridos são atendidos em Iruya, a cidade principal do departamento, e nos centros de saúde de cada comunidade, em visitas periódicas.

Junto com o animador e os agentes de saúde, pediu-se aos mestres que formassem o terceiro grupo de agentes de evangelização para a prelatura. São líderes respeitados nas

povoações onde ensinam. Preparamo-los como evangelizadores nas escolas e são os encarregados da catequese escolar. Os agentes de saúde, os animadores e os mestres formam equipes. Intercambiamos visitas e periodicamente celebramos em nossa casa reuniões de estudo, formação e motivação. Estas relações profundas nos unem no trabalho, na vida e na oração. Consolidam o amor aos demais e melhoram o serviço que se presta.

Em nossa paróquia comunidade e em cada comunidade eclesial que ajudamos a formar, a prioridade é sempre a evangelização integral. Não é melhorar a pessoa somente no espiritual, mas também melhorar suas condições de vida.

Graças ao fato de que temos diferentes talentos, que somos diferentes e nos damos conta da necessidade que temos uns dos outros, nosso trabalho de evangelização pode responder a muitas das necessidades que tem a gente. Em nossos esforços diários aceitamos-nos uns aos outros como pessoas diferentes e distintas. Embora não façamos a mesma coisa, não rezemos da mesma maneira, nem exprimamos nossa relação para com Deus e com os que nos cercam do mesmo modo, descobrimos diariamente a presença do Espírito entre nós. Nisto nos sentimos unidos.



Alicia de Torres com seu esposo, Dr. Tomás Torres e o Padre da equipe missionária claretiana de Iruya.

Os camponeses da BOLÍVIA descobrem sua própria dignidade através do Evangelho de Jesus.

Os missionários claretianos chegaram à Bolívia em 1909. Atualmente trabalham as equipes missionárias em distintos lugares.

Um é o norte de Potosí, na meseta do altiplanalto, e outro no sudeste, nas terras baixas circundantes a Tarija e Bermejo. Esta nova equipe é formada por sacerdotes diocesanos e religiosos. Na cidade de Tarija estabeleceu-se um centro comum de ensino para líderes seculares. O Pe. Antônio Chocarro descreve a gente desse setor do povoado:

Pe. Antônio Chocarro, C.M.F., relata-nos:

Em certa ocasião o santo missionário Antônio Claret olhou cheio de esperança a América Latina e a chamou de "vinha jovem". Hoje, cerca de 1.000 claretianos trabalham, espalhados entre as nações deste continente cheio de injustiça e de esperança. Ao sul da Bolívia, discípulos de Claret trabalham no Departamento de Tarija com postos de missão nas províncias de Cercado e Arce (4.500 km^{2.}), entre uma população espalhada de aproximadamente 45.000 habitantes. Mas isto não é o mais importante para o missionário. Importam mais as pessoas às quais dirige a mensagem libertadora de Jesus. Sua esperança está em torná-los conscientes de que também eles são chamados e devem cooperar em sua libertação cristã.

Os camponeses de Cercado, conhecidos como "chapacos," arrastaram secularmente um complexo inumano; sua terra não é produtiva, não há possibilidades de mercado, seu salário é miserável, suas moradias inapresentáveis, sua alimentação insuficiente,

sua saúde minada pela miséria, o índice de mortalidade pavoroso, um analfabetismo crônico. Sua única esperança, sua utopia econômica: a emigração, o desprendimento de tudo que é seu. Isto leva ao fatalismo e a uma sincera volta para Deus. O povo vive tudo e o aceita sem capacidade para analisar criticamente a história e a vida.

Devido à herança da colonização e aos sistemas de exploração que o sufocam, o "chapaco" não participa no governo. Está relegado, como uma classe inferior.

Com a reforma agrária de 1952, cada família podia ter como próprios cerca de 3 hectares. Anteriormente não possuía autonomia nem pessoal, nem econômica. Os camponeses pertenciam à fazenda dos proprietários, eram verdadeiros "servos da gleba". Atualmente sua subsistência está baseada na produção agrícola e de gado. Cada família unida é independente, com uma extensa propriedade comum. Vivem distanciados uns dos outros e por isso mal existem nesta região povoados ou núcleos de povoado. As técnicas do cultivo são rudimentares, a tração animal. Os produtos básicos são a batata, o milho e o trigo. Junto com pequenos rebanhos de ovelhas e cabras e, às vezes, alguma vaca, é o que têm para subsistir. No começo, celebram o rito da "challa" à "Pacha Mama" (Mãe Terra) para que seja generosa com seus frutos. Fia-se ainda à mão a lã da ovelha e se tece em fábricas de vestes típicas.

Vez por outra se importam os gêneros necessários. Pode-se dizer que se abastecem nas suas necessidades básicas.

O camponês quer ver e tocar seu mundo religioso. Daí a grande devoção às imagens dos santos. A eles recorre em suas necessidades, dedica-lhes culto e práticas freqüentes: orações, missas, prostrações, esmolas, velas, festas. Suas festas, de acordo com uma tradição ancestral, são fusão de benevolência e hospedagem, de complacência e petição.

Não lhes importa gastar em missas, rou-

pas, enfeite das casas, música, bailes, bebidas e fogos artificiais.

Entre sofrimentos e alegrias, vida e morte, trabalhos e festas passam sua vida, subsistindo com os poucos produtos que lhes dão suas míseras terras.

Abandonados pelo governo, vivem "os chapacos" desprezados ou infravalorizados na cidade, desatendidos em suas necessidades mais elementais, tratados injustamente e explorados, inconscientes de sua situação e de seus direitos, com uma escassa consciência crítica.

Porém, esses camponeses são tão pessoas, tão filhos de Deus, com uma dignidade tão séria, como a de qualquer ser humano. São nada mais, nada menos que filhos de Deus.

Os claretianos de Tarija e de Bermejo iniciaram um plano diocesano de capacitação dos "chapacos" para que consigam ser eles mesmos os animadores cristãos de suas próprias comunidades. Durante os últimos quatro anos se preparam os voluntários para que assumam conscientemente as realidades da vida em que se movem, para que compreendam mais profundamente sua fé e sejam capazes de comunicá-la e de dirigir a celebração da Palavra de Deus, quando não possa estar presente o padre. E ainda para serem líderes responsáveis do desenvolvimento da comunidade com um sentido cristão e exigente.

Mais de 400 catequistas trabalham nas comunidades do campo, cada um na medida de suas possibilidades. Os resultados são esperançosos. Sem pressas. Deus, ao longo da história da Salvação, tão pouco demonstrou ter demasiada pressa. Ele está conosco e com o auxílio de Cristo nós, claretianos, sacerdotes diocesanos, religiosas da Apresentação, religiosas do Precioso Sangue e a equipe de ACLO trabalhamos conjuntamente. Estamos realizando uma experiência enriquecedora, que nos faz sentirmo-nos úteis ao Evangelho de Jesus.





O fatalismo, inimigo dos índios do norte da Bolívia.

Nascer pobre, viver miseravelmente e morrer estoicamente: eis aqui resumi- da a realidade psicológica e social do índio da Bolívia, ancestralmente subjuga- do pelos poderosos, pelo clima e por sua mentalidade fatalista. Ontem, mal po- dia um índio vislumbrar outra alterna- tiva para a sua mísera existência. Hoje, uma equipe pastoral mista claretiana e uma comunidade de irmãs religiosas

começaram a penetrar na língua, na alma deste índio para despertá-lo para uma esperança e uma revalorização cul- tural e cristã.

A região norte do famoso centro de prata de Potosí é uma terra de adustas montanhas, mesetas frias e barrancos profundos, cortados por apertadas cor- rentes fluviais. O trabalho ali é distinto daquele que se faz na "missão" de Tarija-Bermejo ou das paróquias cla- retianas da Paz, Cochabamba ou Sta. Cruz. Os habitantes desta área do norte

de Potosí se dividem em dois setores: os que falam o gutural aimará e os que fa- lam quéchua, a língua dos incas. Pes- soas extremamente pobres, que falam um pouco de espanhol, mas que con- servam vigorosos caracteres culturais nativos.

A equipe do norte de Potosí escreve:

A "missão" da altiplanície do norte de Potosí é distinta da de Tarija, ao sul da Bolí- via. No norte 95% da população são índios, e arrastam como herança um fatalismo pa-



ralisante. A história colonial foi uma experiência cruel para os quéchuas e os aimarás deste território árido e sem recursos, escassamente povoado, acidentado, quase lunar. Os índios foram sistematicamente escravizados para trabalharem nas minas, para transportar a "mena" (mineral em preparação) e os metais da morte. Foram tratados como pagãos, como semibestas, dominados por satanás, pelos vícios e pela idolatria. Não se lhes reconheceu nenhuma dignidade humana. A política da "espada e da cruz" foi particularmente esmagadora, colonialista. Os poucos índios que conseguiram fazer-se clérigos e denunciavam o atropelo de sua raça, foram deportados, silenciados ou ignorados. O fatalismo fez estragos e as primeiras vítimas foram eles mesmos.

O fatalismo que surgiu no tempo colonial, fruto da exploração e do desprezo, continua vigorando. São muitos os índios bolivianos que fazem seu o lema: "nacer pobre, viver pobre, sofrer aqui e ser recompensado no além". Amarga-se ainda o abandono dos valores indígenas. Mas a nova sensibilidade profética da Igreja vai-se firmando e a opção clara pelos pobres, aceita nos anos 70, começa a abrir brecha nesse muro compacto de paralisia e desamparo.

Os claretianos da região de Potosí se deram conta de que, nessas circunstâncias, não se podia realizar uma evangelização total, comprometida, encarnada, enquanto não falassem eles mesmos a língua dos índios. Esse era o ponto de partida para pro-

porcionar, respeitar e discutir os inegáveis valores culturais da região. O próprio papa João Paulo II, em sua mensagem aos naturais de Oaxaca, México, insistiu nessa realidade evidente, tratada já por Paulo VI na sua "Evangelii Nuntiandi": A cultura é veículo de transmissão da fé, para que os homens possam progredir no conhecimento de Deus". Mas a chave de uma cultura é a sua língua. Quem fala uma língua pode mais facilmente apreciar e calcular os valores de uma raça, de um país.

Os missionários do norte de Potosí chegaram à conclusão de que o aprendizado do quéchuá e do aimará era fundamental para compreender as necessidades e as aspirações dos índios e veículo de transmissão dos co-



nhcimentos que a técnica moderna colocou em nossas mãos para melhorar o nível de vida, aumentar a produtividade da terra, multiplicar o rendimento pessoal do trabalho e despertar o sentimento de dignidade nas pessoas.

Tínhamos que partir de uma realidade brutal: as rendas anuais de uma família "normal" eram, lá, uns 50 dólares, 5.000 pesetas. Como mudar essa situação inumana?

A primeira coisa era renovar as técnicas primitivas, agrícolas e de criação do gado. Para isso desenvolveu-se um programa de seleção de sementes, de plantações, de uso de fertilizantes e de um cuidado mais efetivo dos animais domésticos. Num esforço ecumênico, os famosos "Vizinhos do mundo" (World Neighbors) decidiram-se com uma generosidade constante a ajudar a índios do norte de Potosí, num programa a curto e a longo prazo. Surgiram as cooperativas que conseguiram preços mais justos para os produtos. Um dos armazéns se converteu em escola, porque se constatou que 80% dos habitantes eram analfabetos. Ali vieram adultos para aprender a ler e escrever. Nas escolas locais deram-se cursos para os próprios professores, para orientá-los pedagogicamente e multiplicar seu rendimento profissional.

Está-se atacando o espírito fatalista e a alienação política dos índios através de um programa de educação de líderes. Dão-se cursos coordenados com a A.C.L.O., organização nacional católica, que se preocupa em criar líderes e em despertar vocações entre aqueles que possam ser num futuro próximo fermento para mudanças mais profundas. A dedicação da Igreja e particularmente dos claretianos e leigos que trabalham no norte de Potosí é um verdadeiro sinal esperançoso naquela comunidade. Ensinam-se os direitos humanos, despertam-se os valores culturais e vai-se criando o sentido crítico para atacar de uma vez as escravidões ancestrais. Levanta-se no país um horizonte de esperança: também os índios são capazes de dirigir seu próprio destino. É fundamental para eles que se sintam iguais, que vejam que "os irmãos" da missão compartilham sua vida, sua língua e sua cultura quéchua e aimará. A mensagem evangélica precisa ser traduzida em suas línguas nativas e nos seus símbolos próprios. A encarnação missionária deve abranger toda a pessoa e todos os seus valores autênticos.

Após séculos de opressão e de arbitragem surge um mundo novo. A Igreja é função de todos: uma verdadeira comunidade cristã que se preocupa profundamente por si mesma, consciente de sua própria identidade e de sua própria cultura. A esperança da equipe do norte de Potosí é que sua Igreja em desenvolvimento chegue a ser dona de seu próprio destino, responsável por sua libertação total. E é assim que se sentirá aberta, em plano de igualdade, à Igreja universal.





O trabalho missionário na "jungla", regiões pantanosas, da COLÔMBIA, conquista novas vidas.

Assassinados sob acusações políticas, afogados em rios selvagens, paralisados por doenças do trópico, os missionários sofreram baixa sobre baixa, na área mais dura da Colômbia, no coração do Chocó, região de "junglas" pantanosas, embebidas diariamente por chuvas torrenciais.

Os claretianos começaram a trabalhar no Chocó em 1909, ao serviço de uma população descendente, em sua maioria, dos escravos importados para trabalhar nas então ainda produtivas minas de ouro, ao longo do rio Atrato e de seus afluentes, que continuam sendo os únicos meios de comunicação e de transporte. A missão do Chocó é formada por vinte claretianos que vivem entre uma povoação dispersa, de uns 120.000 habitantes, dos quais uns 71% são pretos.

Gonzalo M. de la Torre, C.M.F., informa:

Nossa missão compreende 24.000 km². A maior parte deles formada pelo sistema hidrográfico que aflui para o rio Atrato, o mais caudaloso do mundo, em proporção à sua extensão. Visto de fora, tudo é poesia, romanticismo, mas os missionários conhe-

cem a dureza e a ameaça contínua da região que põe em perigo nossas vidas.

O Pe. Modesto Arnaus foi assassinado aqui, em 1947, em Catru. Motivo? O padre tinha-se oposto, em pleno período eleitoral, ao tráfico político dos indígenas. No dia da votação, membros de uma organização política dispararam contra ele, pelas costas, e o deixaram por terra junto ao rio.

Outra morte trágica deu-se a 17 de fevereiro de 1974. O Pe. Cirilo Rivera afogou-se no rio Andágueda (Bagadó), quando tentava salvar um menino que estava para perecer na corrente e cujo abraço foi mortal para ambos. Seu corpo ficou onze dias perdido nas águas.

É certo que sua morte nos uniu a alguns evangelizadores, num momento dramático. Mas depois, cada um de nós teve que regressar a seu posto, a seu pedaço de selva, à sua solidão. As condições geográficas e o passado político da missão nos mantêm separados, desarticulados. O que se consegue, de vez em quando, por algum acontecimento extraordinário, logo se perde na vida corrente. Precisamente por isso estamos convencidos de que no futuro deveremos trabalhar e viver juntos. A história de nossa missão está cheia de homens e de fatos heróicos. Mas, talvez agora necessite de menos gigantes e de mais mãos débeis que se unam. Um grupo compacto pode tornar fortes as mãos mais inseguras.

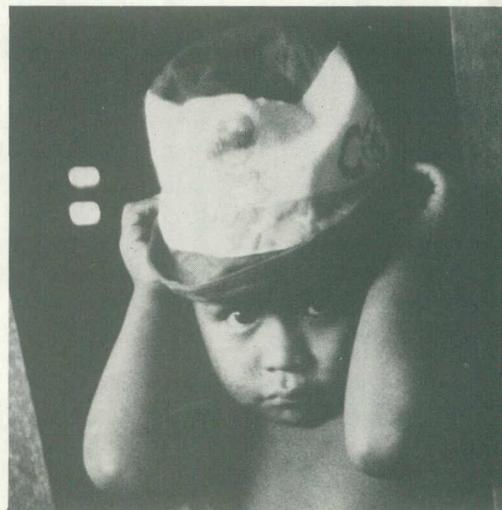
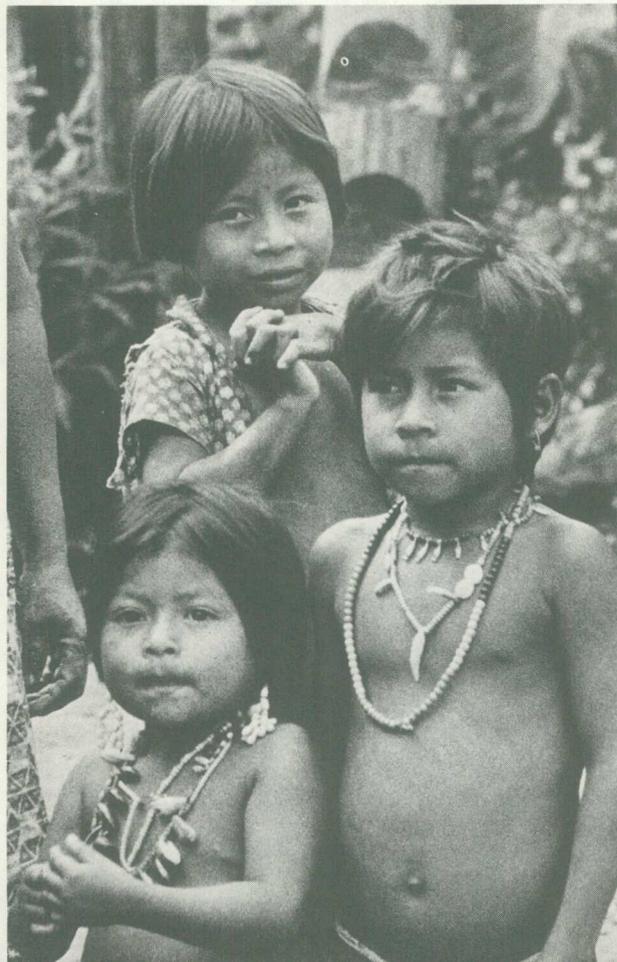
A morte do Pe. Cirilo é uma dura mensagem, especialmente quando se relaciona com o passado trágico imediato, com outras mortes. Assim a do Pe. Narciso Rodríguez que, moribundo, não cessava de perguntar:

"Quando vem o padre? Já veio algum padre?" Ninguém chegou. Morreu sozinho, no dia 12 de março de 1937. O Pe. Francisco Velasco morreu afogado no rio Dubasa a 28 de maio de 1942. Não tinha chegado nenhum companheiro. Dois anos mais tarde, a 28 de julho, o Pe. Francisco Mejía morria sozinho, na longínqua Purembará, "quando descansava de uma grande caminhada pela selva". Muitos amigos se reuniram à raiz de sua morte, como tinha acontecido após a morte do Pe. Cirilo. A dor assim o exigia. De todas as formas, estes sinais de mortes solitárias estão nos pedindo a gritos que vivamos em fraternidade, trabalhando em equipe, em vez de experimentar essa fraternidade só nos momentos em que a dor nos obriga a nos unir.

Deve-se acrescentar também aqui a jovem missionária leiga Mari Carmen Irañeta vinda da Espanha, da província claretiana de Aragão, como reforço jovem para a evangelização do vicariato. Morreu em Bogotá, por causa de uma múltipla infecção interna, contraída na missão. A morte de Mari Carmen causou um grande impacto nos que trabalhavam no Chocó, que sabem estar correndo o mesmo risco.

Em Bete, uma das provocações da missão, morreu Elaine Palácios, uma criança de três meses somente. Era um 14 de agosto. Com ela somam já 53 as crianças neste minúsculo núcleo de casas, no espaço de dois anos e meio. Infelizmente a gente se acostumou com a morte, julgando-a uma expressão da vontade inapelável de Deus. Fatalismo, passividade, aceitação cega da morte, sem pensar nas causas reais, contra as quais é preciso lutar. Diante do índice de mortalidade infantil mais alto do mundo, nossa missão não pode ficar indiferente.

Sonhamos e lutamos, como evangelizadores, por uma terra nova, por uma mudança luminosa, clarificadora. E neste mundo novo esperamos também uma nova "missão", melhor programada, que se apóie nestes sinais dos tempos, que aqui experimentamos em carne viva. cremos que comunicar estes sinais de morte é a melhor maneira de falar do Chocó e da "missão" claretiana neste canto do mundo.





No caso de serem expulsos os missionários da GUATEMALA, os seculares continuarão a evangelização.

A presença dos missionários na Guatemala constitui uma profunda preocupação para os governantes, caciques e exploradores que aspiram a prolongar a sua missão de um povo cada vez mais exasperado.

Os missionários têm sido assassinados e ameaçados de morte. Isso é uma das "verdades" do país, que ninguém pode nem deve esquecer. Hoje já se teme, com fundamento, que todos os missionários estrangeiros venham a ser expulsos como "medida profilática". Mas o trabalho tenaz da "missão" na Guatemala se intensificou e concentrou na criação de líderes leigos em cada povoado, capazes de continuar, por si mesmos, a tarefa de denúncia evangélica e de defesa dos pobres.

Os claretianos da Província Oriental dos Estados Unidos, em colaboração com a Província Anglo-irlandesa, têm trabalhado na área de Izabal, perto da costa atlântica. Desde 1966 uniram-se à equipe as irmãs franciscanas, as beneditinas, as da Graça e os voluntários leigos e estão colaborando fraternalmente no ministério de suas três paróquias

com 150.000 habitantes, dos quais uns 25% são índios "Quiche" com os quais se fala na sua própria língua e na oficial, o espanhol.

A equipe da missão da Guatemala comunica:

Hoje a Igreja da Guatemala está dividida em dois setores: a urbana e a rural. A urbana tende antes a um "status quo", a um compromisso com o poder. A Igreja rural optou decididamente pelos pobres e se considera mais próxima de suas legítimas aspirações.

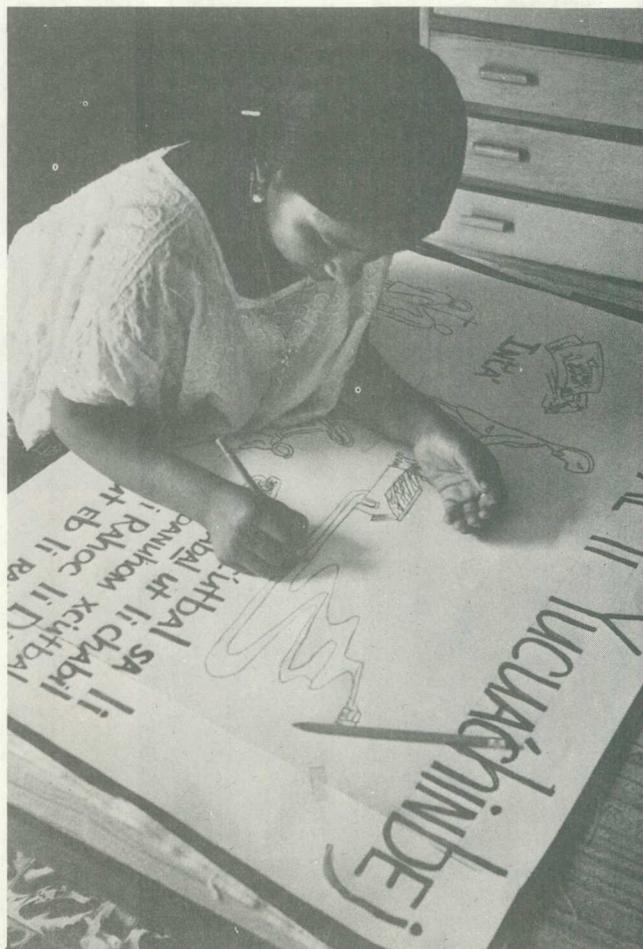
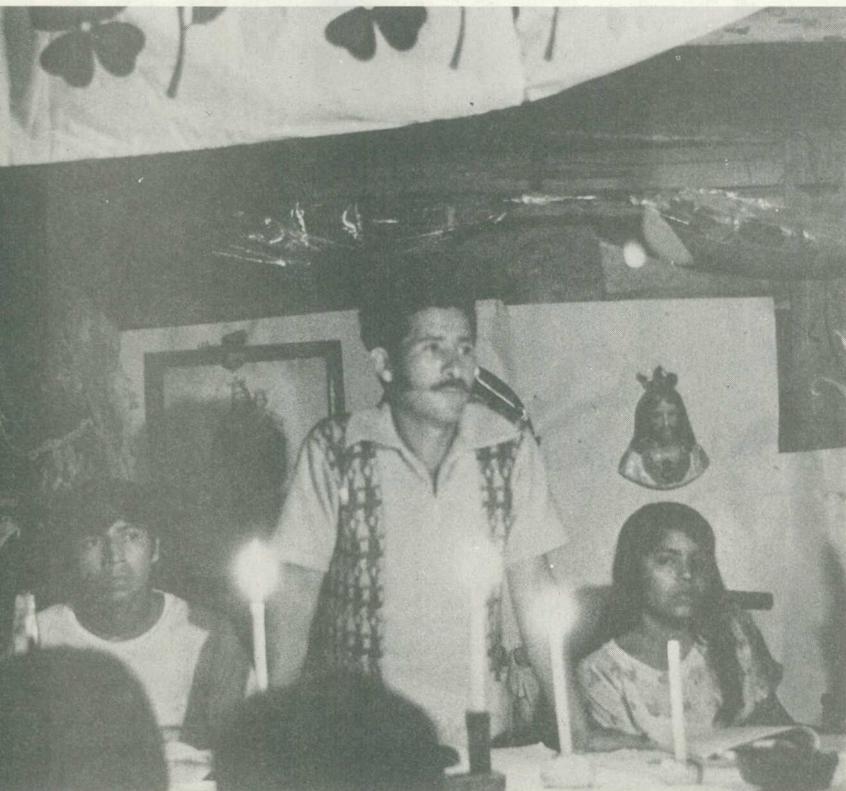
Os claretianos vivem num contexto histórico e político que os arcebispos qualificam já de "perseguição violenta" contra o povo de Deus e seus pastores. Além dos assassinatos e desaparecimento de 12 sacerdotes, 7 deles em 1981, os arcebispos deploram a morte violenta de numerosos catequistas, membros ativos de comunidades cristãs e uma campanha sistemática de desprezo dessa Igreja comprometida; e advertem também o erro em que caem os que pensam que, atizando o ódio contra os cristãos, afastarão os riscos de um comunismo larvado.

As ameaças contra a vida do Pe. Chris Newman, em março de 1981, foi o primeiro golpe contra a equipe pastoral. Em julho, um franciscano italiano, vizinho, o Pe. Túlio Maruzzo, sofreu atentado mortal. Atiraram-lhe na cabeça. Seus catequistas foram perseguidos a bala, pouco depois de regressarem a suas casas, após um cursinho paroquial. O Pe. Túlio era um grande compa-

nheiro dos claretianos, dos religiosos e dos leigos que trabalhavam com eles. Aquele homem de paz começara seu ministério na Guatemala, em Izabal, e durante 25 anos ajudou os pobres do setor. Imediatamente depois deste incidente, a comunidade das irmãs franciscanas foi ameaçada e obrigada a deixar o seu convento. Os superiores dos claretianos e de outros religiosos de sua equipe deixaram-nos em liberdade para continuar nessa situação ou retirar-se. Escolheram permanecer entre o povo todo o tempo que possam e sejam necessários.

A presença durante 25 anos das irmãs franciscanas, beneditinas, irmãs da Graça e os voluntários leigos deram um grande impulso à escola e aos centros paroquiais de São Tomé, El Estor e Livingston, onde se formam futuras líderes femininas, catequistas leigos e delegados da Palavra, e de onde irradiam os serviços de saúde e educativos.

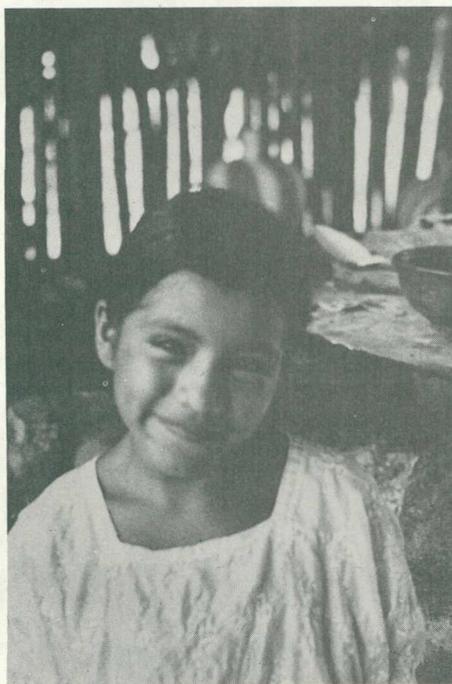
Sua presença na equipe constituiu uma fonte de apoio vigoroso, ao compartilhar idéias e responsabilidades. Deu-se preferência à formação de ministros leigos nativos. Centenas de homens vieram de muito longe para seguir o programa de 5 anos em São Tomé. Muitos deles são, na atualidade, delegados da Palavra na sua povoação. Constituem a coluna vertebral duma massa perseguida e com freqüência clandestina e apoio de suas comunidades cristãs. Fica assegurada a continuidade do futuro evangelizador. Sua presença, sua liderança, é uma garantia de que, à base do Evangelho, se prestará atenção "a todo homem, espiritual e material".



As três paróquias prestam serviços sanitários e medicinas através de suas clínicas. As povoações isoladas contam com uma rede de "promotores de saúde", preparados previamente pela equipe da "missão". Em lugares estratégicos se dão aulas de alfabetização. Os índios nativos têm uma escola preparatória com 55 crianças e outra de nível primário com 300.

É possível que logo não se continue tolerando a presença de missionários estrangeiros. O anticlericalismo de novo como, com sua seqüela de expulsões, pode repetir-se de um momento para outro. Daí a urgência de se continuar preparando líderes leigos, para um futuro ameaçador.

Os bispos reunidos em Puebla nos disseram: "Nosso povo é um povo jovem. Quando teve oportunidade para desenvolver-se e organizar-se, demonstrou que pode ganhar e recuperar seus justos direitos e aspirações. Isso mesmo se pode dizer da Igreja em desenvolvimento de Izabal. Uma região que acaba de obter um triunfo contra a malária, está ameaçada agora pela insídia e pela violência. Comprometidos com essa gente, pregando-lhes o reino de Deus — um reino de justiça, de amor e de paz" — a equipe pastoral vive com a esperança de evitar uma luta violenta e desgarradora. As palavras do papa João Paulo II aos arcebispos da Guatemala trouxeram um alento de esperança. "Chamo-vos para a esperança, uma esperança que vos fortalecerá nas circunstâncias atuais e difíceis e vos ajudará a permanecer fiéis à vossa vocação cristã".



As cooperativas tornam a vida mais suportável nos pantanais do PANAMÁ

Fundar cooperativas para melhorar o nível de vida e a justiça e promover evangelistas leigos, adultos na fé, constitui uma parte importante do programa da missão da costa baixa do Panamá. A presença aqui dos claretianos começou em 1928. Desde 1967, a província claretiana de Castela subministrou pessoal à "missão".

A equipe missionária da costa baixa faz-nos esta exposição:

Após a imagem de uma costa do Caribe iluminado pelo sol, as praias luxuriosas e as delícias turísticas, que a propaganda idealizadora trata de nos oferecer, existe a realidade da costa baixa de Colón, 3.500 kms² de terrenos alagadiços, em grande parte inacessíveis, povoados por uns 20.000 habitantes dispersos em 75 aldeias.

Embora a herança espiritual da região remonte aos franciscanos espanhóis que firmaram seu primeiro acordo com Bartolomeu Colón, irmão do descobridor, o trabalho de evangelização continua sendo difícil para os missionários claretianos. Estradas não existem. A gente é muito pobre e de baixíssimo nível cultural. Arrastam 100 anos de atraso.

O povo está distribuído entre 15 povoações costeiras, de raça preta, e 60 à margem dos rios, a raça camponesa dos "cholos".

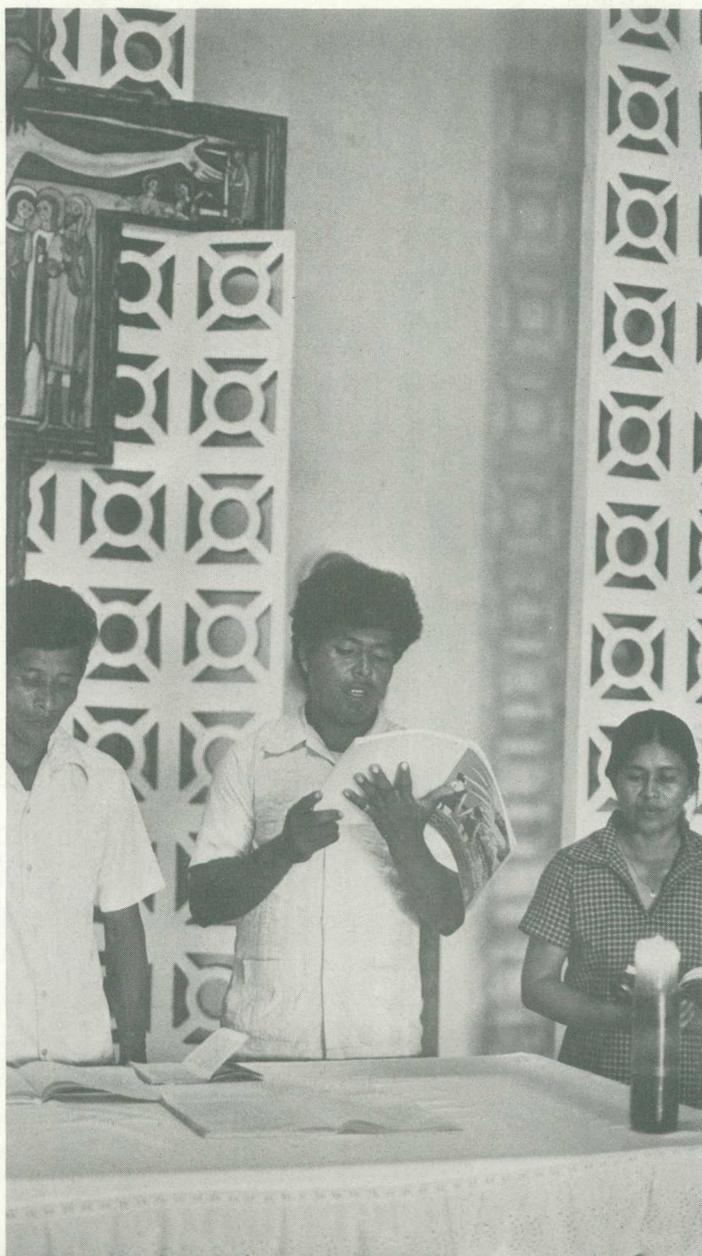
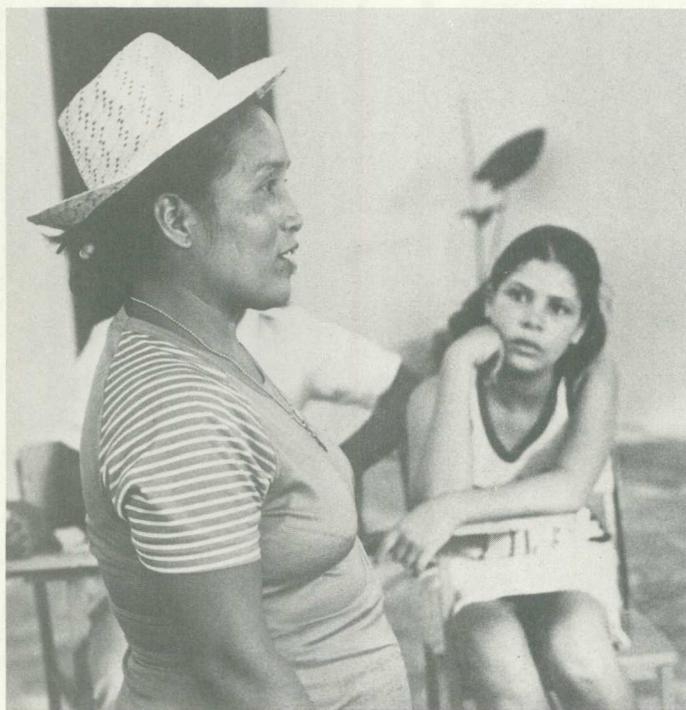
Durante os últimos dez anos, os missionários foram formando evangelizadores nativos, verdadeiros "delegados da Palavra de Deus". Quase todas as povoações têm evangelizadores camponeses, que são, com frequência, também líderes sociais da comunidade. Levantaram-se centros de educação social e pastoral, que formam no modo de dirigir a celebração da Palavra e de catequisar. Atualmente há três funcionando: um em Santa Rosa do Rio Índio, chamado "Cristo, o Camponês"; outro em Uracillo, "Santo Antônio Claret", e outro em Chagres, "Maria, Estrela do Mar". Está-se

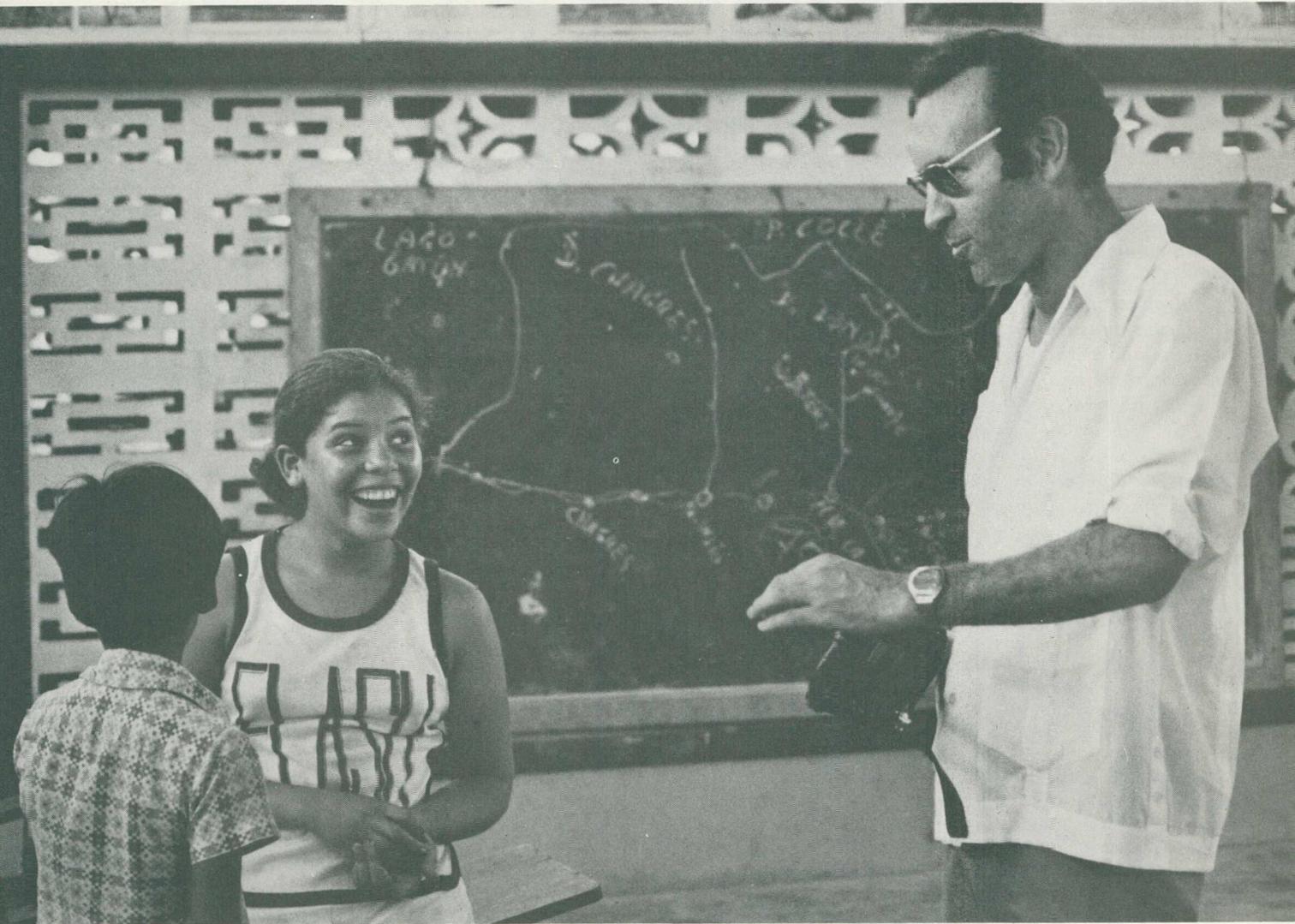
construindo um quarto centro em Boca de Toabré, que receberá o nome do recente mártir do Salvador: "Arcebispo Oscar Arnulfo Romero".

A equipe pastoral ajudou a formar cooperativas. Uma, chamada "Santa Maria", encarrega-se dos bois. Outras duas são cooperativas do café: "Luz Camponeza" e "São Lucas". Cooperativas de consumidores formam parte da mesma organização. Seus armazéns atendem às necessidades mais urgentes desses setores remotos onde vivem os camponeses.

O programa enorme e consciencioso tem como meta o desenvolvimento de uma Igreja adulta nativa, cada vez menos dependente do exterior, com líderes e formas de culto derivados da cultura local.

Delegados da Palavra, catequistas, mães professoras, cooperativas, comunidades cristãs de base coordenadas entre si, grupos de ação social, todos estão animados pelo espírito de Jesus, para levar a esta terra um novo ideal de justiça, e para fazer brotar a esperança entre o povo que Cristo remiu.





Os claretianos se solidarizam com o pobre "Mato Grosso", a "Terra conflituosa" do BRASIL na procura de sua libertação

"Como D. Pedro não há outro. É um homem ingenioso, valente, místico e prático. É um poeta-sacerdote, um bispo dos pobres e um defensor do índio. É uma combinação de Oscar Romero, Hélder Câmara, Dan Berrigan e de tantos outros escolhidos ao acaso".

"É um típico sacerdote da Igreja que tem dado ao mundo tantos santos e tantos mártires na última década".

Estas palavras de Tomas E. Quingley, Conselheiro da Conferência Católica dos Estados Unidos para a América Latina, ajudam-nos a compreender o valor da presença da Igreja no remoto e lacerado Mato Grosso, no coração do Brasil.

Pedro Casaldáliga, C.M.F., bispo de São Félix do Araguaia, comunica-nos:

Dez anos de luta pela Justiça, na Esperança do Reino, no coração geográfico do Brasil. Assim poderia intitular-se, sem imodéstia maior, o que leva de história nossa Prelazia de São Félix do Araguaia.

Como Igreja particular, a prelazia começou a ser em 1971, quando fui ordenado bispo junto ao Rio Araguaia, luminoso de areias, de peixes e de pássaros.

Tínhamos chegado a este Mato Grosso, depois de sete dias intermináveis de caminho, Manoel Luzón e eu, ambos claretianos, em julho de 1968. Era o ano de Medellín.

Deus e a Igreja nos confiavam uma área infinita de 150.000 quilômetros quadrados, entre o Araguaia e o Xingu, terra de "faroste" cobiçada pelo latifúndio nacional e internacional. Antiga terra mãe dos índios tapirapés, carajás, javaés, xavantes e de vários grupos indígenas do Parque Nacional do Xingu, cuja metade oriental encontra-se também dentro de nossa prelazia. Terra do anelado "sossego" para os emigrantes nordestinos expulsos de suas terras pela seca ou pelas fazendas acumuladoras.

Os dois espanhóis claretianos chegávamos, sem sabê-lo muito bem, a uma terra de conflitos. E logo nos vimos obrigados a entrar nele, deixei-o, tomando partido em favor dos pobres da terra: os indígenas, os "posseiros", lavradores sem título escrito de propriedade, os peões, trabalhadores braçais, escravizados nas fazendas do latifúndio financiado pelo Sistema.

Ainda agora não temos juiz, a Educação e a Saúde são atendidas muito precariamente pelo Governo, não há eletricidade nem sequer na cidade sede da prelazia, não temos telefone nem telégrafo, e não há em toda nossa região um só palmo de estrada asfal-



da. No período das inundações ficamos isolados por terra, durante dois, três, quatro meses.

Nossa Igreja se via obrigada a criar muitos serviços de "suplência".

A caridade se torna social e até política. Abrimos dispensários e escolas. Prosseguir apoiando o povo lavrador e aos grupos indígenas em suas reivindicações básicas. Denunciamos permanentemente a injustiça dos exploradores e a irresponsabilidade cúmplice das autoridades, como também a agressão multinacional.

Tínhamos chegado à prelazia religiosas e seculares e outros companheiros claretianos sacerdotes. Sobre todos nós caiu a repressão. Nossas escolas e dispensários foram fechados violentamente, nossos agentes de pastoral presos e torturados, nossa Igreja caluniada sistematicamente.

Começamos por umas "campanhas missionárias" nos núcleos mais conflitivos ou mais irradiadores. Depois formamos uma equipe pastoral em onze núcleos. A equipe mista: sacerdotes, religiosas, seculares; eles e elas, solteiros ou casados. Em comunidades de bens

Sucessivamente fomos suscitando lideranças no próprio povo. Estimulamos a criação do sindicato rural e a constituição de Associações de Saúde, Clubes de Mães, Comissões de Pais e Mestres, assim como a participação política da população. Em Santa Teresinha, a localidade mais antiga da região, onde já trabalhava o Pe. Francisco Jentel, funciona há mais de quinze anos uma Co-

operativa Agrícola de produção e de consumo.

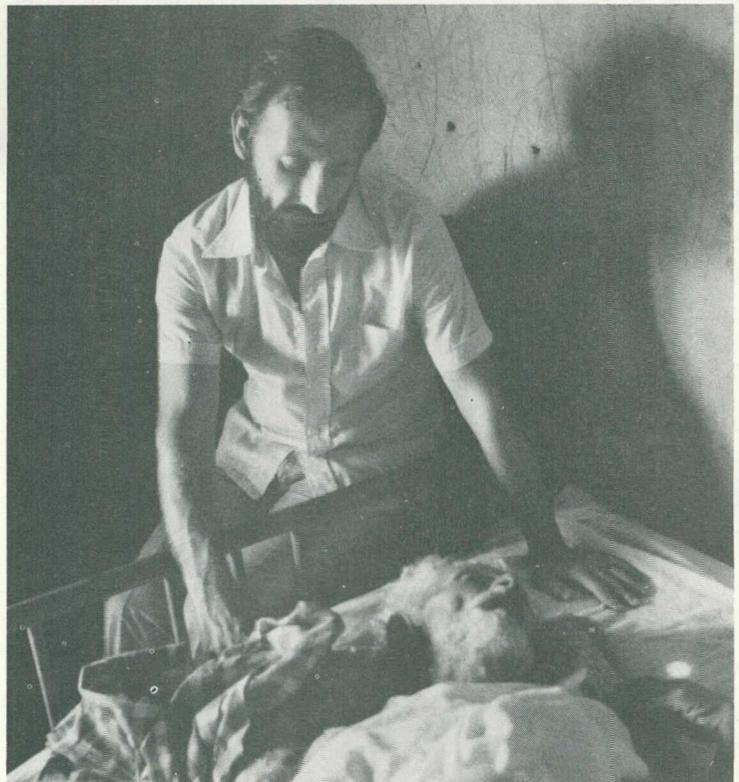
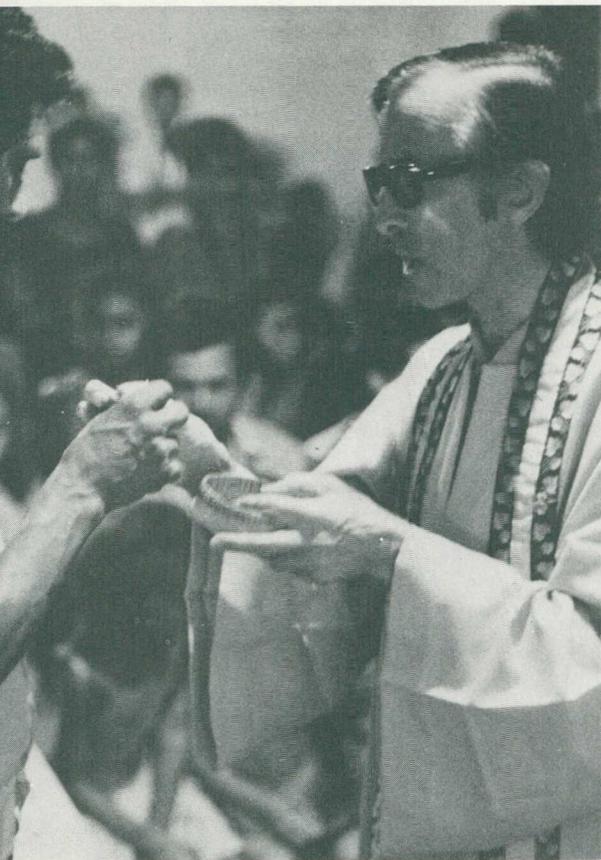
O Pe. Francisco, sempre ao lado do povo lavrador e dos índios tapirapés (juntamente com as Irmãs de Jesus que vivem na aldeia há quase 30 anos), foi condenado a 10 anos de prisão pelo latifúndio e pelo governo militar unidos, foi expulso violentamente do Brasil e morreu em janeiro de 1979 na França, transido de nostalgia missionária. Outro mártir nosso é o jesuíta João Bosco Penido Burnier, assassinado aos meus pés, no dia onze de outubro de 1976, pela Polícia Militar, na delegacia de Ribeirão Bonito, quando ele e eu estávamos intercedendo por 2 mulheres, ignominiosamente torturadas pela mesma Polícia.

Se a cruz pela justiça nos acompanhou sempre, também nos acompanhou a graça daquele que é o "Fiel", a força da Esperança. A comunidade eclesial se consolida, graças a Deus. Anualmente temos a Assembléia do Povo, PRECEDIDA de assembleias locais. E esta Assembléia Geral é o momento culminante de nossa Igreja.

Débeis e fortes na Cruz e Esperanças, vamos caminhando.

Faz 10 anos publicamos semanalmente nosso boletim mimeografado "Alvorada". Editamos também vários livros assim como folhetos de Catequese, de Pastoral, de Educação, de Saúde, de Política Popular. As comunidades, de jovens e de adultos, se têm exercitado no teatro, religioso e social.

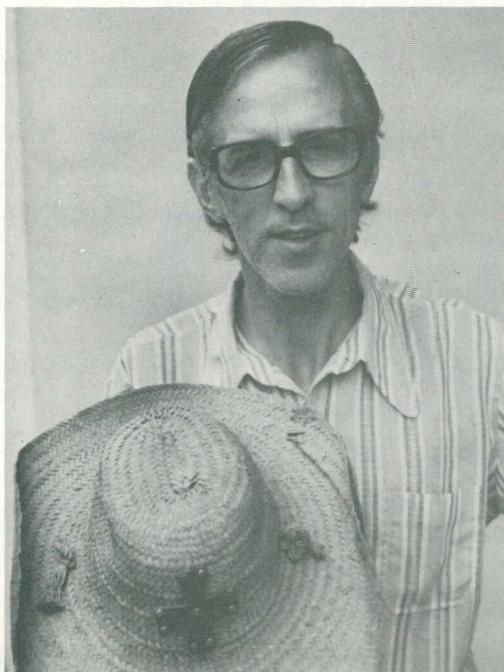
Logicamente se realizam, em nosso centro comunitário ou nos locais das comunida-



des respectivas, encontros e cursos de formação para os agentes e para o povo. Temos procurado sempre assessorias qualificadas que nos acompanhassem.

Com outras Igrejas, chamadas "populares" — "a Igreja que nasce do Povo, pelo Espírito" como dizem no Brasil — integramos a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) ao serviço dos lavradores e dos índios, respectivamente.

Se os inimigos foram muitos, superabundaram os amigos. (A graça sempre superabunda onde proliferam a injustiça e o pecado.) Nossa pequena Igreja de São Félix do Araguaia, agora nos seus 10 anos de "caminhada", sente-se paralela viva de toda esta Igreja, pobre, má-ir e esperançosa da América Latina que pode ou não ser um sinal e um fermento para a Igreja — talvez rica, talvez acomodada, talvez desludida — da velha Europa e dos poderosos Estados Unidos... isto sem premissões. Somente das pequenas obscuras crislícas surgem um dia as borboletas radiantes.



*D. Pedro Casaldáliga,
bispo de São Félix.*

Justiça e Esperança no Mundo

África

CAMARÕES — O centro para a formação de claretianos, patrocinado pela província do Canadá, nos Camarões, aceitou também candidatos para as missões claretianas francófonas do Zaire e do Gabão. A província do Chile, em colaboração com o Canadá, proporcionou pessoal para o programa. É o primeiro compromisso do Chile para uma Igreja em formação desde o capítulo de renovação e a primeira colaboração de uma província claretiana da América do Sul para uma missão "ad gentes". Na atualidade há um sacerdote chileno neste centro claretiano de formação.

GABÃO — Alfredo Maria Oburo, nativo da Guiné Equatorial, foi ordenado sacerdote claretiano em Franceville, Gabão. Como seminarista, teve de fugir da perseguição religiosa de seu próprio país. Os claretianos italianos que trabalham no Gabão acolheram-no em sua comunidade. Terminou seus estudos teológicos em Brazzaville, Congo. Recentemente a missão do Gabão começou um novo programa em Mingara, Franceville, um centro para a formação de catequistas, classes de alfabetização e que patrocina um programa para a juventude.

GUINÉ EQUATORIAL — Os anos 80 trouxeram um alento de renovação na Guiné Equatorial. Passado o sangrento golpe de Estado de Mácias, que mandou para o exílio os missionários estrangeiros, os claretianos voltaram e continuaram seu trabalho, fixaram-se metas pastorais para a reconstrução da Igreja local. Em 1982 se celebrou o primeiro centenário da presença claretiana no país.

NIGÉRIA — Graças à primeira ordenação de sacerdotes claretianos, num total de 5, a Nigéria pôde abrir, em 1982, um seminário de filosofia. Tornará possível também aceitar a primeira "missão" na Nigéria, a Igreja de São Paulo, em Nekede.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE — O Pe. João de Freitas Alves, da província claretiana de Portugal, foi nomeado administrador apostólico de São Tomé e Príncipe. Desde 1927, os claretianos estiveram presente nestas ilhas, antiga colônia portuguesa e hoje Estado independente marxista de África.

ZAIRE — Durante vários anos, um padre claretiano ajudou os jesuítas em Muquibala, Zaire. A pedido do arcebispo de Lopkaka, a província claretiana da Alemanha

aceitará a responsabilidade desta missão, que os jesuítas vão abandonar por falta de pessoal. As irmãs claretianas fazem parte da nova equipe missionária. Um sinal alentador desta nova frente claretiana são as vocações nativas, que estão afluindo para o centro de formação dos Camarões.

Ásia

ÍNDIA — Os claretianos da Índia, que crescem continuamente, aceitaram há pouco os novos setores de missão junto ao de Karumathur. Estão no Estado de Andhra Pradesh, mas pertencem a dioceses diferentes. Na diocese de Gunthur há uma pequena comunidade claretiana. Mas em Uru não há ainda cristãos.

América Latina

BOLÍVIA — A delegação da Bolívia reforçou a presença claretiana "na missão" de Bermejo. Unirá suas forças à equipe de Tarija, partilhando assim o mesmo programa pastoral. A chegada de novos missionários espanhóis, aliada aos voluntários leigos, reforçou a equipe missionária do norte de Potosí. Seu plano pastoral está profundamente preocupado pela assimilação da cultura nativa. Durante 10 dias, os claretianos e os voluntários leigos tiveram um cursinho denso de aprofundamento na pastoral indigenista.

GUATEMALA — Após as ameaças de morte ao Pe. Chris Newman, seus superiores decidiram sua retirada da missão de Izabal. Junto às de Quiche e Encuentla, a Igreja de Izabal sofre perseguição e se encontra progressivamente num âmbito de clandestinidade. Foi assassinado um sacerdote e outros 3 foram ameaçados de morte e tiveram que deixar suas missões. Um convento de irmãs foi bombardeado e uma irmã, ameaçada também de morte, teve que retirar-se. Mais de 15 irmãs tiveram que abandonar seus conventos e os centros de formação sob ameaças de morte. A intimidação e a violência contra os catequistas leigos está tornando seu trabalho cada vez mais difícil. Grande parte dele se forma no centro de líderes e catequistas.

MÉXICO — A província claretiana do México aceitou duas novas missões no sul do país: Palizada em Campeche e Zacateper em Oaxaca. O trabalho pastoral continua na remota missão de Tlacoapa, em Guerero, que tem já 9 evangelizadores no que a província reconhece como "Igrejas em formação".

PARAGUAI — A Província de Aragão, na Espanha, estenderá sua primeira missão de Yhu, ao aceitar uma paróquia em Assunção. A nova casa na capital do país será centro de coordenação da missão. Ao mesmo tempo se está programando a aquisição de uma casa para o futuro seminário claretiano no Paraguai, dadas as perspectivas alentadoras.

BRASIL — A Província Brasileira do Centro, em colaboração com a da Catalunha,

conseguiram criar na região Amazônica a primeira avançada claretiana. Há planos, presentemente, para que no ano próximo a Província da Catalunha abra sua própria missão na grande estrada transamazônica. Acorreram mais claretianos à vasta região do Mato Grosso. A Província Brasileira do Sul aceitou uma nova missão em Paranatinga. O setor é uma vasta área de missão que padece muitas das misérias sociais e religiosas do Brasil rural.

PANAMÁ — O trabalho pastoral das missões de S. Blas e de Darién está sendo revisado pelo novo arcebispo de Colón e Vigário Apostólico de Darién, D. Carlos Ariz, C.M.F. As ilhas de S. Blas estão muito orgulhosas de seus 2 sacerdotes nativos, um claretiano e outro diocesano. Pode-se abrir um novo centro, atendido pelos claretianos, em Meteti, na estrada de Darién que atravessa a "jungla" (terrenos alagadiços) e chegará, um dia, até a fronteira com a Colômbia. Os catequistas e os líderes seculares de Darién se formarão neste novo centro.

ESPANHA — Os claretianos de Zaragoza, Província de Aragão, estão desenvolvendo um programa de formação de missionários leigos. Várias missões americanas se viram reforçadas nestes últimos anos: norte de Potosí, na Bolívia, Chocó na Colômbia e Juanjui, no Peru. Outras províncias espanholas estudam a possibilidade de enviar mais pessoal leigo às Igrejas em desenvolvimento, embora os programas não estejam ainda prontos em todos os lugares.



Lista das Missões

ÁFRICA

CAMARÕES

Mission Catholique, B.P. 6
Akono, Camarões

GABÃO

Mission Catholique, B.P. 88
Akieni, Gabão.

Mission Catholique, B.P. 555
Franceville, Gabão.

Mission Catholique, B.P. 110
Okondja, Gabão.

GUINÉ EQUATORIAL

Annobón, Guiné Ecuatorial

Bata, Guiné Ecuatorial

Ebebiyin, Guiné Ecuatorial

Kogo (litoral)
Guiné Ecuatorial

Lubá (Bioko Sul)
Guiné Ecuatorial

Malabo (Bioko Norte)
Guiné Ecuatorial

Mbini (litoral)
Guiné Ecuatorial

Niefang, Guiné Ecuatorial

NIGÉRIA

Claretian Formation Center
Nekede, Owerri
Imo State, Nigéria.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

São Tomé
República Democrática
de São Tomé e Príncipe.

Ilha do Príncipe
República Democrática
de São Tomé e Príncipe.

ZAIRE

Mission Catholique, Kingandu
República do Zaire

Mukila

Mission Catholique
República do Zaire

ÁSIA

ÍNDIA

Xavier Naga, Eluru-534006
Andhra Pradesh, Índia

St. Mary's Church
Repalle-522265, Gunthur Dist.
Andhra Pradesh, Índia

Claretian Seminary
Bangalore-560055 Karnataka
Índia

Claretian Novitiate
Bangalore-560035, Índia

Claret Bhavan-
Karamathur-626576,
Madurai Dist.
Tamil Nadu, Índia

JAPÃO

Claretian Fathers
Kinya Hon-machi 1-chome 11-25
Hirakata-shi
Osaka-fu-573 Japão

Ibaraki Katorikku Kyoai
Eki-mae 3 chome 5-4
Ibaraki-shi
Osaka-fu 567 Japão

Claretian Fathers
Taishibashi 1-1-27 Asahi-ku
Osaka-535 Japão

Claretian Fathers
Horagai 1-58
Midori-ku
Nagoya-458 Japão

Sijonawate Katorikku Kyokai
Nakalusu no Sato-cho 8-18
Dato-shi
Osaka-fu-574 Japão

Claretian Fathers
Honan 2-1-20
Suginami-ku Tokio 168 Japão

Kadoma Katorikku Kyokai
Mato-machi 5-16
Kadoma-shi
Osaka-fu-571 Japão

FILIPINAS

Our Lady of the Rosary Parish
Bolong, Zamboanga
República das Filipinas

Our Lady of the Pilar Parish
Vitali, Zamboanga
República das Filipinas

Manicahan Parish
Zamboanga City
República das Filipinas

Parish of Merced
Zamboanga City
República das Filipinas

Santa Maria Parish
Zamboanga City
República das Filipinas

Bishop's Residence
Isabela Basilán
República das Filipinas

St. Peter's Church
Lamitán, Basilán
República das Filipinas

Immaculate Heart of
Mary Church
Maluso, Basilán
República das Filipinas

Catholic Mission
Tamahubong, Basilán
República das Filipinas

Claretian Formation Center
Culiat, Quezon City
República das Filipinas

AMÉRICA LATINA

ARGENTINA

Formosa
Comandante Fontana
3620 Formosa, Argentina

Ibarreta
3624 Formosa, Argentina

Humahuaca
Abra Pampa
4640 Jujuy, Argentina

Humahuaca
4630 Jujuy, Argentina

La Quiaca
4650 Jujuy, Argentina

Mina Aguilar
4634 Jujuy, Argentina

Mina Pirquitas
4643 Jujuy, Argentina

Iruya
4633 Salta, Argentina

Santa Victoria Oeste
4651 Salta, Argentina

Rio Negro (Bariloche)
Pilcaniyeu (Rio Grande)
8412 Rio Negro, Argentina

San Carlos de Bariloche
8400 Rio Negro, Argentina

BOLÍVIA

Norte de Potosí
Paróquia de S. Pedro
S. Pedro Buenavista, Bolívia

Paróquia
Sacaca, Bolívia

Paróquia Fátima
Tarija, Bolívia

Paróquia San Antonio
Bermejo, Bolívia

BRASIL

Amazônia
Novo Aripuanã
69260 Amazonas, Brasil
78290 Paranatinga
Mato Grosso, Brasil

São Félix
78370 Mato Grosso, Brasil

COLÔMBIA

Bolívar
Mompas, Bolívar, Colômbia

Acandi
Chocó, Colômbia

Balboa
Chocó, Colômbia

Tutunendo
Quibdó, Chocó, Colômbia

Paróquia de S. Francisco
Quibdó, Chocó, Colômbia

Lloro
Quibdó, Chocó, Colômbia

Carmen de Arato
Chocó, Colômbia

Bete
Quibdó, Chocó, Colômbia

Santa Maria
Turbo Ant., Colômbia

Pueblorrico (Risaralda)
Aguasal, Colômbia

Centro Indigenista
Quibdó, Chocó, Colômbia

Riosucio
Turbo Ant., Colômbia

Casa Episcopal
Quibdó, Chocó, Colômbia

GUATEMALA

Antigua

Santa María de Jesús
Sacatepéquez (Ant.)
Guatemala (Izabal)

Nuestra Señora del Rosário
Livingston Izabal, Guatemala

Paróquia de San Pedro
El Estor, Izabal, Guatemala

Santo Tomás de Castilla
Izabal, Guatemala

HONDURAS

La Ceiba
Atlântida, Honduras

San Pedro Sula
Cortés, Honduras

Tela, Atlântida, Honduras

La Masica, Atlântida, Honduras

MÉXICO

Paróquia
Tlacoapa, México

Paróquia de San Joaquín
Palizada, Campeche, México

Paróquia Santa María
Zacatepec, Oaxaca, México

PANAMÁ

Darién

El Real, Darién, Panamá

La Palma, Darién, Panamá

Meteti, Darién, Panamá

Sambú, Darién, Panamá

Yabiza, Darién, Panamá

San Blas

Casa Misionária, Panamá

Cartisuitupu, San Blas,
Panamá

Mulatupu, San Blas, Panamá

Narganá, San Blas, Panamá

S. Ignacio Tupile, San Blas
Panamá

Ustupu, San Blas, Panamá

Catedral, Colón, Panamá

Parroquia Carmen,
Colón, Panamá

PARAGUAI

Yhu, Caaguazú, Paraguai

PERU

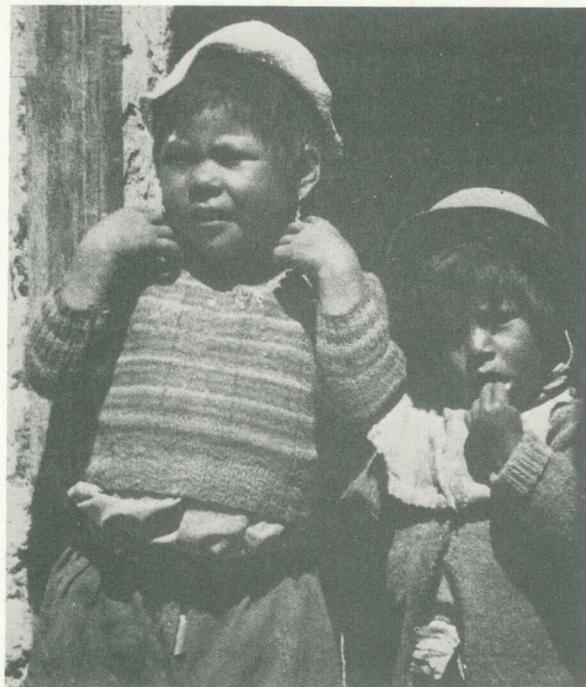
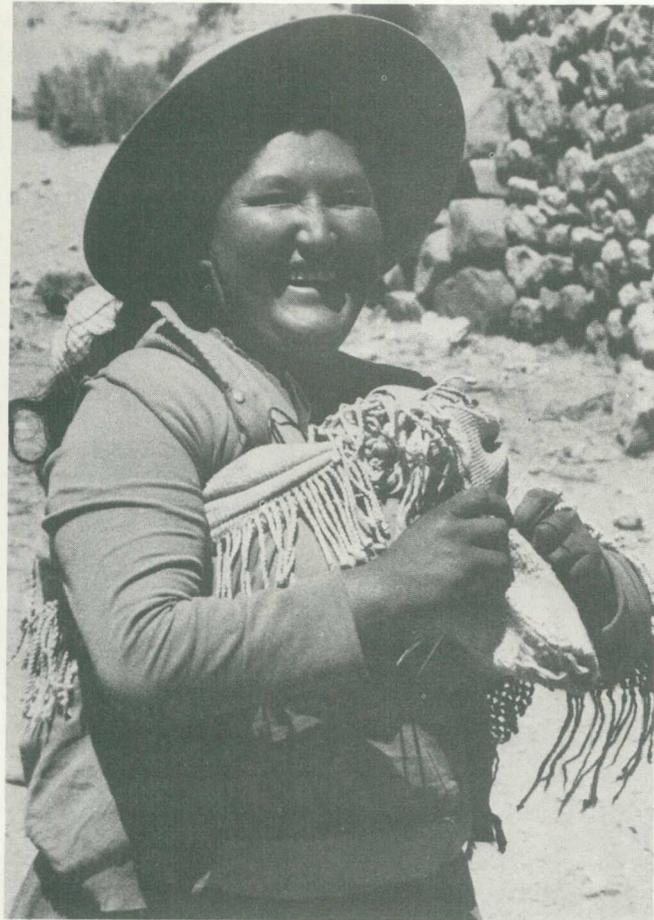
Bellavista, San Martín, Peru

Juanjui, San Martín, Peru

Soposoa, San Martín, Peru

Uchiza, San Martín, Peru





**UM GESTO E DUAS BOAS AÇÕES!
UM CARTÃO DE NATAL COM DUAS FINALIDADES:**
Uma — Mandar uma significativa mensagem de fé cristã a um amigo, a um parente, a um familiar, a um cliente, a uma pessoa importante.

Outra — Ajudar concretamente na manutenção e na formação das vocações claretianas.

Adquirindo os cartões de natal do Secretariado Vocacional Claretiano você terá em mãos cartões de alta qualidade, em excelente papel de luxo, coloridos, para enviar votos de Feliz Natal. Além disso, você estará ajudando diretamente nos estudos, na formação, na manutenção dos 185 jovens que estão atualmente nos 5 seminários claretianos, preparando-se para o sacerdócio. Não espere o fim do ano. Aproveite enquanto é tempo!

**Faça hoje mesmo o seu pedido.
Um gesto e duas boas ações!**

MODELOS	ASSINALE AQUI A QUANTIDADE DE CARTÕES PEDIDOS
Grande = 210 x 150 mm Pequeno = 150 x 100 mm	
Nº 01 50,00 cada cartões
Nº 02 50,00 cada cartões
Nº 04 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 04 (pequeno) 40,00 cada cartões
Nº 05 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 05 (pequeno) 40,00 cada cartões
Nº 06 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 06 (pequeno) 40,00 cada cartões
Nº 07 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 08 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 09 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 10 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 11 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 12 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 13 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 14 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 15 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 16 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 17 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 18 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 18 (pequeno) 30,00 cada cartões
Nº 19 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 19 (pequeno) 30,00 cada cartões
Nº 20 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 20 (pequeno) 30,00 cada cartões
Nº 21 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 21 (pequeno) 30,00 cada cartões
Nº 22 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 22 (pequeno) 30,00 cada cartões
Nº 23 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 23 (pequeno) 30,00 cada cartões
Nº 24 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 25 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 26 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 27 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 27 (pequeno) 30,00 cada cartões
Nº 28 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 28 (pequeno) 30,00 cada cartões
Nº 29 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 30 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 30 (pequeno) 30,00 cada cartões
Nº 31 (grande) 50,00 cada cartões
Nº 31 (pequeno) 30,00 cada cartões
TOTAL cartões

nas cidades onde há seminários claretianos,
os pedidos podem ser atendidos também pelo telefone: Ribeirão Preto, SP (625-1336) •
Campinas, SP (41-8046) • Rio Claro, SP (24-2048) • Curitiba, PR (222-8115) •
Esteio, RS (73-1566) • São Paulo, SP (66-2128).

• cada cartão vem acompanhado do respectivo envelope.

• os cartões 02 e 03 são exclusivos, e os 18, 19, 20, 21, 22, 23 e 24 são exclusivos e inéditos.

atenção!

para você saber com clareza o valor do seu pedido e o desconto de que você vai desfrutar **faça assim:**

- 1 — preencha corretamente os quadrinhos;
- 2 — some a quantidade de cartões pedidos.
- 3 — verifique, na **tabela de descontos**, onde a quantidade total do seu pedido se enquadra.

com isso, você saberá quanto de desconto você desfrutará.

tabela de descontos

quantidade de pedidos:

pedidos de 01 a 20 cartões	0% de desconto
pedidos de 21 a 50 cartões	3% de desconto
pedidos de 51 a 100 cartões	6% de desconto
pedidos de 101 a 200 cartões	10% de desconto
pedidos de 201 a 300 cartões	15% de desconto
pedidos de 301 a 450 cartões	20% de desconto
pedidos de 451 a 600 cartões	25% de desconto
pedidos de 601 a 800 cartões	30% de desconto
pedidos de 801 a 1000 cartões	35% de desconto
pedidos superiores a 1000 cartões	40% de desc.

Reúna o pedido de amigos para conseguir maiores descontos!

Preencha os quadrinhos corretamente, indicando a quantidade de cartões desejados, e envie para:

SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO
Caixa Postal 615 - Cep 01000 - São Paulo - SP

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

CEP: _____ Estado da Federação: _____

ASSINATURA: _____

- Os cartões serão remetidos por meio da Livraria Ave Maria e pagos pelo reembolso postal. Logo que receber o aviso do Correio, vá buscar seus cartões.
- Atendemos por reembolso, somente pedidos de, no mínimo, 10 cartões.
- Você paga no Correio o valor correspondente ao seu pedido mais o porte postal.



n.º 18 grande (210 x 150 mm) preço: 50,00
n.º 18 pequeno (100 x 150 mm) preço: 30,00



n.º 19 grande (210 x 150 mm) preço: 50,00
n.º 19 pequeno (100 x 150 mm) preço: 30,00



n.º 20 grande (210 x 150 mm) preço: 50,00
n.º 20 pequeno (100 x 150 mm) preço: 30,00



n.º 21 grande (210 x 150 mm) preço: 50,00
n.º 21 pequeno (100 x 150 mm) preço: 30,00



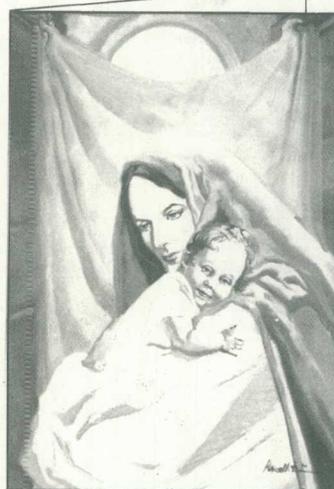
n.º 06 grande (215 x 150 mm) preço: 50,00
n.º 06 pequeno (180 x 120 mm) preço: 40,00



n.º 22 grande (210 x 150 mm) preço: 50,00
n.º 22 pequeno (100 x 150 mm) preço: 30,00



n.º 23 grande (210 x 150 mm) preço: 50,00
n.º 23 pequeno (100 x 150 mm) preço: 30,00



n.º 24 (210 x 150 mm) preço: 50,00



n.º 07 (200 x 145 mm) preço: 50,00



n.º 08 (200 x 145 mm) preço: 50,00



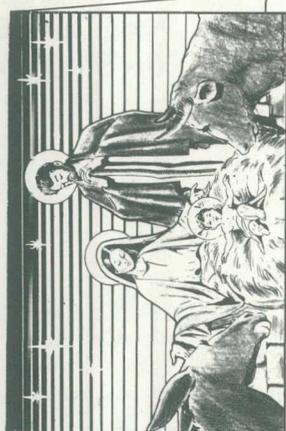
n.º 10 (200 x 145 mm) preço: 50,00



n.º 11 (200 x 145 mm) preço: 50,00



n.º 14 (200 x 150 mm) preço: 50,00



n.º 15 (200 x 150 mm) preço: 50,00



n.º 16 (200 x 150 mm) preço: 50,00



n.º 17 (215 x 210 mm) preço: 50,00



n.º 02
(230 x 200 mm)
preço: 50,00

VEJA ESTES MESMOS MODELOS COLORIDOS NAS REVISTAS "AM" N.ºs 17 - 18 e 19 (NAS 3.ªs e 4.ªs CAPAS)